

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FELIPE SOUZA CASTRO

UM GOLE PRÁ O SANTO, UMA REZA PRÁ DEUS: A Festa de São Pedro
de Heliópolis-BA (1985-2005)

São Cristóvão/SE
2023

FELIPE SOUZA CASTRO

**UM GOLE PRÁ O SANTO, UMA REZA PRÁ DEUS: A Festa de São Pedro
de Heliópolis-BA (1985-2005)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura, Memória e Identidade.

Orientador:

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão/SE
2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C355g Castro, Felipe Souza
Um golpe prá o santo, uma reza prá Deus : a festa de São Pedro de Heliópolis-BA (1985-2005) / Felipe Souza Castro ; orientador Claudefranklin Monteiro Santos. – São Cristóvão, SE, 2023.
80 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. História. 2. História local – Heliópolis (BA). 3. Cidades e vilas – Heliópolis (BA). 4. Identidade social. 5. Festas juninas – Heliópolis (BA). I. Santos, Claudefranklin Monteiro, orient. II. Título.

CDU 930:398.33(813.8)

FOLHA DE APROVAÇÃO

**Ata de Defesa da Dissertação de
Mestrado do aluno FELIPE SOUZA
CASTRO em 31 de outubro de 2023.**

Aos trinta dias do mês de outubro de dois mil e vinte e três, às quinze horas, realizou-se, por meio plataforma virtual Google Meet, nos termos da Portaria no 413 de 27/05/2020, a sessão de defesa de Dissertação: **UM GOLE PRÁ O SANTO, UMA REZA PRÁ DEUS: A Festa de São Pedro de Heliópolis-BA (1985-2005)** apresentada pelo aluno **FELIPE SOUZA CASTRO**, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de **MESTRE EM HISTÓRIA**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Augusto da Silva, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. A Banca Examinadora foi composta pelo Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos (PROHIS/UFS), orientador do candidato e Presidente da Banca Examinadora, Profa. Dra. Edna Maria Matos Antonio (PROHIS/UFS), Examinadora Interna, e Profa. Dra. Mariana Emanuelle Barreto de Gois (IFS), Examinadora Externa. Declarada aberta a sessão, o Presidente concedeu a palavra ao candidato para que fizesse a apresentação de sua Dissertação. Ao término da apresentação, o presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora que iniciaram a arguição. Ao término de cada arguição, o Presidente da Banca Examinadora concedeu a palavra ao candidato para que respondesse a arguição feita pelos membros da Banca Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, o Senhor Presidente, juntamente com os membros da Banca Examinadora e na ausência do candidato, deu início à avaliação e redação do parecer final, tendo sido atribuída ao candidato a seguinte menção: (x) APROVADO ou () REPROVADO. Em seguida, a banca emitiu um breve parecer sobre a avaliação geral do trabalho do aluno **FELIPE SOUZA CASTRO**, a saber: *o trabalho tem potencial e qualidade, inclusive de ordem teórica. Entretanto, a banca apontou a necessidade de acrescentar algumas questões técnicas, no campo da história oral, do uso e da análise imagética e também do discurso em torno da festa; afora o ajustamento de alguns elementos de ordem redacional.* O Presidente da banca examinadora proclamou o resultado ao candidato **FELIPE SOUZA CASTRO, MESTRE EM HISTÓRIA**. Não havendo mais nada, o Presidente encerrou a sessão, cujos trabalhos são objetos desta ata, lavrada por mim, Carlos de Oliveira Malaquias, secretário *ad hoc* do PROHIS, a qual assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 31 de outubro de 2023.

Carlos de Oliveira Malaquias
Secretário *ad hoc* do PROHIS



Documento assinado digitalmente
CLAUDEFRANKLIN MONTEIRO SANTOS
Data: 31/10/2023 17:15:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Claudfranklin Monteiro Santos
Presidente da Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
EDNA MARIA MATOS ANTONIO
Data: 01/11/2023 15:59:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Edna Maria Matos Antonio
Examinadora Interna



Documento assinado digitalmente
MARIANA EMANUELLE BARRETO DE GOIS
Data: 05/11/2023 02:43:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Mariana Emanuelle Barreto de Gois
Examinadora Externa



Documento assinado digitalmente
FELIPE SOUZA CASTRO
Data: 07/11/2023 20:32:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Felipe Souza Castro
Mestrando

Dedico esta dissertação a todos os admiradores da tradicional Festa de São Pedro de Heliópolis/BA, que, durante o período festivo, vivenciam os dias de festa com fervor e animação contagiante. Nas páginas deste trabalho, busco trazer a essência vibrante e autêntica dessa festa, que reúne comunidades em um momento de efervescência da cultura local. Que esta dissertação seja uma homenagem sincera à riqueza cultural do povo heliopoliense e à energia contagiante da festa de São Pedro, que reside no coração de todos que a celebram.

AGRADECIMENTOS

É com o sentimento de gratidão, que escrevo esse texto de agradecimentos por ter chegado até aqui, neste momento de conclusão da minha dissertação, em que sinto uma profunda satisfação ao olhar toda jornada percorrida nestes últimos dois anos. O caminho até aqui foi repleto de desafios intelectuais e emocionais, mas também foi enriquecedor e transformador de muitas maneiras. Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas e instituições que contribuíram para o sucesso desta pesquisa.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha família por ter dado todo o apoio necessário para que eu pudesse chegar até aqui, em especial a minha mãe (Simaria) que sempre esteve comigo nesta luta e também ao meu namorado (Abraão) e companheiro que me ajudou direta e indiretamente na construção deste trabalho.

Ao professor orientador, Dr. Claudefranklin Monteiro Santos, a quem sou extremamente grato pela orientação inestimável, paciência e apoio ao longo deste processo. Suas perspicazes sugestões e seu compromisso em desafiar constantemente meu pensamento foram fundamentais para aprimorar minha pesquisa e expandir meus horizontes acadêmicos. Sua dedicação ao meu crescimento como pesquisador é algo que sempre levarei comigo.

Não posso deixar de expressar minha gratidão aos professores e membros do corpo docente do programa de mestrado, que não apenas forneceram uma base sólida de conhecimento, mas também me inspiraram com sua paixão pelo ensino e pela pesquisa. Suas aulas e discussões foram uma fonte constante de motivação.

Além disso, quero agradecer a todos os meus colegas de turma e amigos que compartilharam ideias, debateram conceitos e forneceram apoio mútuo ao longo dessa jornada. As discussões estimulantes e as trocas de conhecimento que tivemos foram de suma importância para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Finalmente, gostaria de expressar minha gratidão a todos os entrevistados e aqueles que forneceram fontes (fotografias, vídeos, etc.), para a realização desta pesquisa.

Em resumo, este trabalho não teria sido possível sem o apoio e contribuições generosas de todas essas pessoas e instituições. Seus esforços desempenharam um papel fundamental na realização deste estudo e no meu crescimento como pesquisador. Com profunda gratidão, eu reconheço e valorizo cada um de vocês.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o processo de criação da festa de São Pedro no município de Heliópolis/BA, levando em consideração a formação da municipalidade e a construção da identidade cultural. A festa foi criada após a emancipação do município e desde então, tornou-se uma tradição importante que representa a identidade cultural da região. Este evento é considerado um dos maiores realizados na cidade, pois envolve elementos tanto sagrados quanto profanos. A festa de São Pedro de Heliópolis/BA não foi um evento pensado e idealizado pelos próprios moradores da cidade, mas sim pelo então prefeito José Emídio Tavares de Almeida, conhecido pela população local como Zé do Sertão. Nesse sentido, a festa surgiu da vontade de alguém, para produzir efeitos sobre uma coletividade, uma vez que ela passa a representar a identidade do município. É a partir do processo de criação da festa que nasce o problema para o desenvolvimento desta pesquisa: como uma festa pensada e/ou idealizada pelo poder público, foi incorporada pela comunidade local e passa a ser uma das principais representações da identidade cultural do município de Heliópolis/BA? Como a festa impacta na casa e na rua, ou seja, na vida privada e pública? Como a sociedade está estruturada em torno da festa? Nesse contexto, nota-se que na vida privada, a festa é vista como uma oportunidade para reunir familiares e amigos, partilhar uma comida típica da região e viver um momento de efervescência com o profano. Já na vida pública, a festa é vista como um momento de afirmação da identidade cultural do município, onde os moradores mostram aos visitantes a riqueza de sua cultura.

Palavras-chave: Festa de São Pedro – Municipalidade – Tradição.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the process of creating the São Pedro festival in the municipality of Heliópolis/BA, taking into account the formation of the municipality and the construction of cultural identity. The festival was created after the emancipation of the municipality and since then, it has become an important tradition that represents the cultural identity of the region. This event is considered one of the largest held in the city, as it involves both sacred and profane elements. The festival of São Pedro de Heliópolis/BA was not an event thought up and idealized by the city's residents themselves, but by the then mayor José Emídio Tavares de Almeida, known by the local population as Zé do Sertão. In this sense, the party arose from someone's will, to produce effects on a community, since it comes to represent the identity of the municipality. It is from the process of creating the party that the problem for the development of this research arises: as a party designed and/or idealized by the public authorities, it was incorporated by the local community and becomes one of the main representations of the cultural identity of the municipality of Heliópolis/BA? How does the party impact the home and the street, that is, private and public life? How is society structured around the party? In this context, it is noted that in private life, the party is seen as an opportunity to gather family and friends, share typical food from the region and experience a moment of effervescence with the profane. In public life, the festival is seen as a moment of affirmation of the municipality's cultural identity, where residents show visitors the richness of their culture.

Keywords: Feast of Saint Peter – Municipality – Tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa com limites municipais de Heliópolis-BA	21
Figura 2 – Dona Regina, carregando água do açude para abastecer os potes de sua residência	24
Figura 3 – Vianey e Cabral praticando karatê, nas margens do açude de Heliópolis.....	25
Figura 4 – Lateral da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus	28
Figura 5 – Reforma da praça da igreja matriz início dos anos 90.....	29
Figura 6 – Foto tirada de cima da torre da igreja, com vista para o açude de Heliópolis	31
Figura 7 – Bandeira da cidade de Heliópolis/BA	30
Figura 8 – Imagem de São Pedro	47
Figura 9 – Matéria do jornal “A voz do Sertão”, editado pelo professor Landisvalth Lima	58
Figura 10 – Casamento caipira, realizado na festa de São Pedro no ano de 1993	59
Figura 11 – Foto da antiga praça de eventos, no sábado do São Pedro de Heliópolis de 2010	64
Figura 12 – Palco com estrutura de madeira no ano de 1988	65
Figura 13 – Estrutura de palco da festa de São Pedro do ano de 1989.....	66
Figura 14 – Estrutura de palco da festa de São Pedro do ano de 1991	67
Figura 15 – Entrada da festa de São Pedro	70

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA MUNICIPALIDADE	21
2.1 A Vila de Pau Comprido	23
2.2 Distrito de Novo Amparo	32
2.3 Helio = Sol, Pólis = Cidade “À cidade do sol”	34
2.4 Os elementos formadores da identidade municipal	35
2.4.1 A bandeira	36
2.4.2 O hino	37
2.4.3 O heliopolense	38
3. CAPÍTULO II - IGREJA, FESTA E MUNICIPALIDADE	43
3.1 O rito e a relação sagrado e profano da Festa de São Pedro de Heliópolis	49
3.2 A festa e a identidade cultural do município	53
4. CAPÍTULO III - TEMPOS DE FESTEJAR	61
4.1 O re-inventar da tradição: entre mudanças e permanências	62
4.2 O raiar do Sol: na tradicional festa de São Pedro	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
6. REFERÊNCIAS	78

1. INTRODUÇÃO

O estudo das festas compõe um universo de abordagens muito amplo, configurando-se como um processo de apropriação das manifestações culturais, enquanto espaços de memória, os quais, por sua vez, estão presentes no imaginário popular, como é o caso da festa de São Pedro realizada na cidade de Heliópolis/BA, objeto de estudo desta pesquisa. Heliópolis, cidade do interior do Estado da Bahia, localizada a 344 quilômetros da capital (Salvador), é um município que teve sua emancipação conquistada e/ou reconhecida conforme a lei Estadual de 11 de abril de 1985, com o processo de redemocratização que ocorreu no país e na criação de novos municípios. Ainda em uma fase de crescimento, atualmente possui uma população de aproximadamente 12.309 habitantes.¹

No que diz respeito ao processo emancipatório, faz-se necessário compreender inicialmente o que tal evento provocou. O município, a partir do momento em que conquistou sua independência, passou a ter o direito de possuir uma administração, com uma legislação municipal própria, um território definido e uma naturalização e uma identidade, onde os seus habitantes se sentissem pertencentes a ele.

O processo de formação do atual município de Heliópolis, que no ano de 1910 era apenas um vilarejo conhecido como “Pau Comprido” em referência a uma grande árvore, onde era realizada uma pequena feira livre aos sábados, contava com a presença de moradores das regiões circunvizinhas, como as atuais Cícero Dantas, Ribeira do Amparo, Ribeira do Pombal e Fátima, Poço Verde, etc.

Segundo relato coletado em entrevista realizada com José Emídio Tavares de Almeida², essa feira livre acabou se tornando muito famosa por dispor de uma área de lazer que consistia na existência de dois grandes tanques, os quais anos mais tarde viriam a se tornar um açude. Assim, pode-se dizer que os feirantes vinham interessados em banhar-se no açude que ficava próximo a uma árvore, onde era realizada a feira. Esse açude servia como fonte de abastecimento de água para a Pau Comprido e outros povoados da região na época, já que eram poucas as cidades que possuíam um sistema de água encanada.

O povoado de Pau Comprido pertencia a comarca de Cipó, juntamente com o povoado de Vila do Amparo, que, em 1958, após processo emancipatório, passaria a se chamar de Ribeira

¹ Dados coletados do censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado no ano de 2010.

² Primeiro prefeito eleito da cidade de Heliópolis, após processo de emancipação em 1985.

do Amparo. Isso incluiu o povoado, que ficou conhecido como Novo Amparo, nome dado pelo primeiro padre desta região. Cabe ressaltar que este tem um crescimento significativo após ser integrado à cidade de Ribeira do Amparo, lutando alguns anos depois por sua independência, tendo como justificativa o fato de ter se desenvolvido mais do que a sede.

Pouco tempo depois de Heliópolis ter conquistado a sua emancipação, o então prefeito, José Emídio Tavares de Almeida, resolveu criar um evento festivo no calendário municipal, que anos mais tarde cairia na “boca do povo”. Assim, foi a partir da vontade do gestor municipal e sua equipe administrativa que nasceu o São Pedro de Heliópolis/BA. Nesse contexto, a ideia inicial era realizar uma micareta com trio elétrico, equiparando-a ao carnaval de Salvador. No entanto, em diálogo com o professor Landisvalth Lima³ e com outras autoridades locais, chegaram à conclusão que tal evento fugiria ao contexto da cultura local e que a cidade não possuía estrutura.

Diante disso, Landisvalth sugeriu que fosse realizada uma festa que valorizasse as raízes da cultura local e regional, ligando o sagrado e o profano, já que o catolicismo popular é uma característica marcante das cidades do interior. Foi aí que decidiram que a festa homenagearia São Pedro, um dos santos da tríade junina, ou seja, Santo Antônio, São João e São Pedro. Fica assim perceptível que a festa de São Pedro de Heliópolis/BA não foi um evento pensado e idealizado pelos próprios moradores da cidade, mas sim pelo então prefeito José Emídio Tavares de Almeida, conhecido pela população local como Zé do Sertão.

Nesse contexto, a festa surgiu da vontade de alguém para produzir efeitos sobre uma coletividade, uma vez que ela passa a representar a identidade do município. É a partir daí que nasceu o problema que norteou os estudos dessa pesquisa: como uma festa pensada e/ou idealizada pelo poder público, foi incorporada pela comunidade local e passa a ser uma das principais representações da identidade cultural do município de Heliópolis/BA? Como a festa impacta na casa e na rua, ou seja, na vida privada e pública? Como a sociedade está estruturada em torno da festa?

O processo de criação da festa está relacionado tanto à propagação / resignificação da cultura local e regional, quanto aos interesses pessoais do prefeito, onde o mesmo “impõe” no calendário municipal um evento que alimentaria a economia desta cidade, gerando emprego mesmo que temporário, tornando-se assim um empreendimento econômico e mercadológico. O catolicismo é um ponto fundamental para a origem da festa de São Pedro de Heliópolis/BA,

³ Professor de língua portuguesa, escritor, jornalista e foi o primeiro locutor da festa de São Pedro de Heliópolis/BA.

já que a mesma começou a ser realizada justamente no dia 29 de junho, data em que os fiéis homenageiam esse santo.

Assim, a festa pode ser compreendida como um espetáculo, onde o palco e os sujeitos desempenham papéis diferentes, que variam de acordo com sua relação com o núcleo central do evento, que pode ser por meio do seu papel político, cultural, sagrado, social-econômico e territorial.

O recorte temporal escolhido para realização do estudo da festa de São Pedro vai do ano de 1985 (ano em que Heliópolis/BA conquista a sua emancipação) ao ano de 2005. Esta data final foi escolhida para abranger as diversas transformações pelas quais passou a festa (espetacularização da festa).

Nesse sentido, segundo Hobsbawm (1984, p.12-13), com a modernidade, alguns costumes tendem a desaparecer e surgem outros. Inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas, tanto do lado da demanda quanto da oferta. Essas transformações pelas quais vêm passando as festas juninas na atualidade fazem com que esses eventos se tornem híbridos e complexos, pelo motivo da mistura de diversos tipos de culturas.

Cabe mencionar que, apesar de a festa receber o nome do santo católico São Pedro, o padroeiro da cidade é o Sagrado Coração de Jesus. Isso é um dos motivos pelos quais a igreja não participa diretamente da realização da festa, tornando-a um evento mais profano do que sagrado. Nesse contexto, proponho-me a resgatar a ideia de festa, sobretudo a festa de interior, tratando-a como forma lúdica de associação e como fenômeno gerador de signos e significados.

Assim, percebe-se que essa festa popular está inserida no campo das tradições, onde, por sua vez, é transgressora de regras e agregadoras de laços sociais que, segundo Durkheim (2008, p. 547), apresentam características religiosas ao “suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso”.

As festas populares sagradas têm em seu realizar a devoção em um santo(a), ou seja, o vínculo entre o fiel e a divindade, como por exemplo os novenários de São Pedro realizados na comunidade de Tanquinho, povoado do município de Heliópolis. Enquanto que as festas consideradas profanas têm um papel lúdico, o de entreter, divertir os indivíduos que delas participam.

O São Pedro de Heliópolis/BA, enquanto categoria de festa junina, carrega consigo um conjunto de imagens, símbolos, ritmos, temporalidades e múltiplos sentidos, que estão dispersos no interior da cultura e no imaginário social da festa. Onde a heterogeneidade desses

elementos é responsável pela formação de um tecido cultural híbrido, pois reproduz e alimenta a concepção de festa junina como um bloco imagético-significativo unitário em torno do qual são realizadas as mediações e a construção da teia de significados que enreda o discurso sobre a identidade local e da cultura nordestina.

Anos após Heliópolis começar a realizar a festa de São Pedro e ter se tornando uma tradição, cidades vizinhas também passaram a realizar, algumas na mesma data, como é o caso de Ribeira do Pombal, e outras não. As cidades chegam a competir pelo público, o que faz com que os gestores municipais invistam na estrutura e na contratação de grandes atrações musicais para a realização desse evento.

Para o povo heliopoliense, a festa de São Pedro realizada no município é a melhor da região, e há de quem dizer que tal festa não seja a melhor. Isso demonstra o sentimento de municipalidade e identificação com tal festividade. Os indivíduos, segundo Maria Rita do Amaral, se organizam em torno de atividades e objetivos comuns, em sua maioria lúdicos, que proporcionam não apenas relações sociais mais diretas, afetivas, correspondentes às necessidades de sociabilidade, parceiros, companhias, enriquecimento da experiência pessoal, como também organizam de modo prático a passagem do tempo.

Nesse sentido, a passagem do tempo em cidades do interior é caracterizada por atividades lúdicas, tais como ida a torneios de futebol, parques aquáticos, fazendas, cultos religiosos e os famosos piseiros e/ou festas de paredão, que na sua maioria são realizadas nos feriados e finais de semana. Assim, o tempo gasto durante a semana está associado ao trabalho, enquanto o do final de semana está relacionado ao lazer.

Para os grupos sociais residentes em cidades interioranas, como é o caso de Heliópolis/BA, em que todas as atividades culturais implicam tempo disponível e dinheiro, este essencial para a sua realização. Essas atividades garantem o divertimento e ocupam o pensamento das pessoas que estão envolvidas, atribuindo significado e dando sentido ao trabalho.

Sendo assim, fica perceptível que a realização de festas locais pelo poder público tem o objetivo de fazer a economia circular, onde os moradores ganham dinheiro, inserindo-os no contexto de mercantilização das festas. A ideia de criar um evento festivo no calendário municipal pode estar associada à tentativa dos gestores municipais de atrair os olhares para a cidade no período festivo, promovendo a diversificação das modalidades turísticas locais, uma vez que as principais festas que eram realizadas anteriormente à criação do São Pedro de Heliópolis eram as festas de cunho religioso, como a procissão do Sagrado Coração de Jesus,

festa de vaqueiro, carro de boi e a festa de Natal, que estavam inseridas no calendário festivo municipal.

A festa de São Pedro é uma síntese da cultura nordestina, que exprime no seu realizar a esperança, a fé desse povo, que, por sua vez, é vivida de forma ambígua, pois, reúne elementos sagrados e profanos. A festa celebrada com grande fervor e alegria proporciona um rico contexto cultural e social para investigações acadêmicas de diversas naturezas.

Ao analisar a dinâmica dessa festa, enquanto pesquisador, pude explorar temas como a influência da religiosidade popular na formação da identidade local, o papel das tradições culturais na coesão comunitária e até mesmo a economia informal que floresce durante o período festivo. A pesquisa teve como objetivo geral analisar o processo de criação da festa de São Pedro do município de Heliópolis/BA, levando em consideração a formação da municipalidade e a construção da identidade cultural. Uma vez que é a partir da emancipação do município que a festa foi criada, tornando-se uma tradição que passa a representar a identidade cultural do município, enquanto um dos maiores eventos realizado na cidade, envolvendo elementos tanto do sagrado quanto do profano. A festa, por sua vez, é um espaço de relações sociais, familiares e amorosas, que envolve ações comportamentais, jogos de poder, atos lúdicos, intervenção econômica e vários outros fenômenos ligados a realização do evento, como destaca Pierre Nora⁴.

Cabe mencionar que a festa, em seu início era realizada no dia 29 de junho, o dia em que se homenageia São Pedro, santo católico muito adorado pelo povo nordestino. Porém, a partir dos anos 2000, a festa vem sendo realizada na segunda semana do mês de julho, onde um dos motivos para essa mudança é a tentativa de enquadrar a festa no cenário festivo regional, uma vez que outras cidades próximas a Heliópolis, como já mencionado, também realizavam a festa no dia 29.

De acordo com Cascudo (1983, p. 39), na cultura popular existiria um “processo lento ou rápido de modificações, supressões, mutilações parciais no terreno material ou espiritual do coletivo sem que determine uma transformação anuladora das permanências características”. Assim, estas “permanências características” seriam o saber e o saber-fazer dos grupos sociais que atribuem à cultura popular seu caráter de continuidade, funcionalidade e utilidade, que, por sua vez, a torna “(...) mantenedora do estado normal do seu povo quando sentida viva, sempre uma fórmula de produção”. (Cascudo, 1983, p. 40).

⁴ “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (Nora, 1993. p. 21)

Nesse processo de (re)criar e (re)inventar a festa, os rituais que inicialmente tinham um caráter quase espontâneo de valores folclóricos e tradições de diversos grupos sociais foram apropriados por públicos e gestores de empresas, transformados em megaeventos cujo caráter de negócios econômico-empresariais tornou-se muito proeminente. Uma vez institucionalizados pelo governo, esses eventos assumiram a forma de grandes espetáculos urbanos, atraindo pessoas e gerando renda. Assim, nota-se que o presente trabalho faz uma análise da festa antes, durante e após a criação do evento festivo.

O estudo é baseado em um amplo leque de leituras e referenciais teórico-conceituais do campo da cultura, memória e identidade, tais como: Amaral (1998); Bourdieu (1989); Bakhtin (2010); Canclini (2003); Chartie (1990); Castro (2012); Durkheim (2008); Ferreira (2003); Geertz (1973); Halbwachs (2013); Hobsbawm (1997); Le Goff (1990); Magnani (2003); Nora (1993); Perez (2002); Thompson (1988).

Neste sentido, a pesquisa dialoga com autores de diferentes disciplinas da área das ciências humanas e sociais (Antropologia, Filosofia, História, Sociologia, etc.), possibilitando assim uma reflexão sobre as festas realizadas em cidades do interior, mas também de como as sociedades contemporâneas criam lugares festivos que ligam elementos do sagrado e profano, dirigidos por estratégias de mercantilização e espetacularização.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa tiveram como base o método histórico crítico e o da história oral, onde buscou apresentar o processo de criação da festa de São Pedro de Heliópolis e de como está contribui para a formação de uma identidade cultural.

A abordagem de cunho qualitativo objetivou a análise da bibliografia disponível sobre o estudo da Festa de São Pedro de Heliópolis, que se apresentou escassa, o fez com que eu me debruçasse em estudos de festas realizadas em outras regiões, como, por exemplo, a Oktoberfest de Blumenau, a festa de São João de Campina Grande, o Forro caju, entre outras. Visto a escassa literatura sobre a cidade de Heliópolis/BA, foi necessário realizar uma pesquisa de campo densa sobre a história do município e também da festa, onde foram analisadas fotografias e vídeos.

“O trabalho com a pesquisa qualitativa exige que o investigador se preocupe em compreender os eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessário, assim, uma descrição detalhada das condições de produção. A procura por várias fontes favorece uma melhor contextualização do recorte feito.” (Alves, 2016. p. 2)

Ao adotar a perspectiva da história oral, o pesquisador é desafiado a mergulhar nas nuances dos contextos em que os eventos se desenrolaram, priorizando uma compreensão

holística. A necessidade de uma descrição detalhada das condições de produção torna-se evidente, visto que é nesse intricado tecido de circunstâncias que os significados emergem e se manifestam. Dessa forma, a pesquisa qualitativa não apenas busca capturar os eventos em si, mas também procura desvelar as camadas de influências e fatores que moldaram esses acontecimentos ao longo do tempo.

O resgate oral da devoção aponta que o início do festejo de São Pedro remonta à década de 1987. A história do festejo está presente na memória da população do município, em especial dos mais velhos que participaram ativamente da construção dessa tradição popular.

Sabendo da escassa literatura sobre os aspectos culturais, sociais, econômico e políticos do município de Heliópolis/BA, a pesquisa parte de uma análise de uma história regional para uma história local. Que de acordo com (Neves, 2002. p. 45), “A história regional e local consiste numa proposta de estudo de atividade de determinado grupo social historicamente construído.” Sendo assim, na construção desse tipo de historiografia, deve-se levar em conta os vínculos de afinidades do povo, as manifestações culturais, prática econômicas, entre outros aspectos.

A metodologia de história oral destaca-se por seu propósito de pesquisar, ouvir e documentar as narrativas dos indivíduos marginalizados pela história, buscando incorporá-los ao tecido histórico. Ao adotar essa abordagem, torna-se possível contemplar eventos específicos sob uma perspectiva rica em detalhes, revelando relatos de experiências, eventos e percepções subjetivas do passado.

Dentre as fontes que contribuíram para a construção da pesquisa foram: as fontes audiovisuais, bibliográficas, documental, fotografias e entrevistas realizadas com a população (jovens, idosos, organizadores, barraqueiros, mídia, comerciantes e políticos, etc.) envolvidos no processo de construção do imaginário social do festejo.

As fontes audiovisuais precisam ser entendidas nas suas estruturas internas de linguagem, e em como elas representam a festa de São Pedro ao seu redor. Esse tipo de fonte diz respeito aos vídeos disponibilizados pelo arquivo da prefeitura municipal, vídeos de pessoas que participam da festa, que guardam estes como recordação em seus dispositivos móveis, redes sociais, etc.

A fonte bibliográfica referente à tradicional festa de São Pedro, como mencionado acima, é escassa, e tive que me ater a artigos, monografias, dissertações e teses sobre outras festas populares para assim poder ter uma noção geral do campo de pesquisa.

As fontes documentais dizem respeito aos livros de atas da câmara municipal de Heliópolis/BA, onde o foco central será a análise de projetos que tenham referência com a festa de São Pedro. Os livros de prestação de contas da prefeitura para saber quanto que é gasto do

cofre público municipal com a realização da festa e se ocorre um investimento por parte do governo do Estado para a fomentação da mesma, e sim, como essa ocorre, se por meio de edital.

A festa enquanto patrimônio da cultura local irá construir versões sobre as identidades dos grupos sociais, além de construir uma determinada memória. Cada grupo produzirá suas memórias com base nas suas experiências com a tradicional festa de São Pedro, como elementos que impulsionam a sua identidade. As identidades são justamente discursos construídos sobre como é esse grupo.

A festa de São Pedro de Heliópolis/BA é um evento que vem sendo realizado desde o ano de 1987, desta data pra cá, ela vem se reinventando a cada nova edição, na qual é considerada hoje em dia uma tradição, não só pelos cidadãos heliopoliense, mas também por pessoas das cidades e regiões circunvizinhas. Favorecendo assim o fluxo de pessoas, sejam moradores e/ou visitantes, já que neste período ocorre uma grande movimentação turística nessas cidades do interior que realizam essas manifestações culturais.

Nesse sentido, podemos entender a dinâmica do turismo local no aproveitamento dos espaços de socialização e com fortes tendências ao encontro de culturas diversas. Podemos dizer que essa manifestação cultural passou a representar a identidade e a cultura local.

As tradições ganharam importância, sendo mantidas por uns, enquanto novas maneiras de fazer o festejo passaram a ser discutidas e incorporadas, formando assim culturas híbridas. Todo esse movimento tende a somar na formação identitária das pessoas envolvidas, nesse ato de festejar, ressignificando a cultura regional e local.

Assim, a tradicional festa de São Pedro contribui para a cultura do município, enquanto patrimônio local e regional, que constrói versões sobre as identidades dos grupos sociais, construindo também a memória individual e coletiva desses indivíduos.

O estudo está dividido em três capítulos: no primeiro intitulado de “A construção da municipalidade” inicialmente traço o processo de formação da vila de Pau Comprido, sendo elevada à categoria de povoado “Novo Amparo”, e de como esse conquista a sua emancipação, tornando-se cidade, passando a chamar Heliópolis. Em seguida, abordo como é criada a festa de São Pedro e como essa contribui para a afirmação da municipalidade, tornando-se assim uma tradição. Por municipalidade, pode-se aferir em seu sentido simbólico as práticas políticas e socioculturais produzidas por um determinado território.

No segundo capítulo “Igreja, festa e municipalidade”, trago a relação que a igreja tem com a festa, ligando o sagrado e o profano, e como a festa contribui para o sentimento de pertencimento municipal, estabelecendo a influência da festa na vida pública e privada dos indivíduos e de como estes comportam-se no período festivo “efervescência”. A festa ao ser

incorporada à identidade municipal, assume um papel catalisador na construção do sentimento de pertencimento dos habitantes de Heliópolis, unindo a comunidade em torno de tradições e práticas que refletem não apenas aspectos religiosos, mas também aspectos culturais e sociais.

No terceiro e último capítulo “Tempos de festejar”, traço as mudanças e permanências pelas quais tem passado a festa de São Pedro, ou seja, como essa tem se reinventado em um contexto de mercantilização e espetacularização, buscando relacionar o papel desempenhado pela iniciativa pública e privada na realização do evento.

2. CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA MUNICIPALIDADE

Este estudo tem como objeto de pesquisa a festa de São Pedro em Heliópolis, Bahia. Para compreender esta manifestação, é necessário primeiro entender a história da formação da cidade. A formação da municipalidade envolve a criação de órgãos, instituições e um grupo deliberativo de pessoas responsáveis pela organização e funcionamento bem-sucedido do município, este é uma forma de organização política territorial, com sua própria população, cultura e identidade.

A municipalidade é o conjunto de poderes e competências que são atribuídos aos municípios, no caso, as unidades políticas de menor escala dentro de um país. Esses poderes e competências variam de acordo com a legislação de cada país, mas geralmente incluem a gestão de serviços públicos locais, como educação, saúde, transporte e infraestrutura, bem como a regulamentação de atividades econômicas, cultura e lazer.

Assim, o município é:

[...] uma associação autêntica de vizinhos, em determinado território, e esse fato surge da necessidade que o homem tem de se agrupar com outros, com o objetivo de suprir suas necessidades, realizando diversos serviços que são indispensáveis para sua vida, almejando uma qualidade de vida sempre melhor. (Nascimento; Pietro; Mendes. 2018, p. 109)

A formação de municípios está associada à necessidade de resolver problemas locais, ligados diretamente aos seus moradores. O processo de municipalização ocorrido no Brasil após a ditadura militar foi uma etapa importante na abertura democrática do país e na criação de novos municípios. Heliópolis/BA é um exemplo disso, tendo obtido sua emancipação política em 11 de abril de 1985, após um longo processo histórico de formação municipal.

A municipalização foi uma forma de descentralizar o poder político e administrativo, permitindo aos cidadãos uma participação mais ativa na tomada de decisões e na gestão dos recursos locais. O surgimento de novos municípios, como Heliópolis, também permitiu o fortalecimento da identidade local e a melhoria na oferta dos serviços públicos.

No entanto, o processo de municipalização também trouxe desafios, como a falta de recursos financeiros e a necessidade de capacitação dos gestores públicos. Além disso, a criação de novos municípios pode resultar em conflitos com municípios vizinhos, relacionados à divisão de recursos e à prestação de serviços.

A abertura democrática possibilitou que as comunidades locais tivessem mais voz na gestão dos municípios e na definição de suas prioridades, uma vez que a atual região de

Heliópolis, inicialmente pertencente à comarca de Cipó e, posteriormente a Ribeira do Amparo, vivia desassistida devido ao vasto território.

A situação de um município possuir um território extenso e não conseguir atender a todos os povoados levou à criação de novos municípios e à descentralização de poderes e recursos para as comunidades locais. Nesse contexto, o processo de redemocratização também permitiu a discussão e a implementação de políticas públicas mais inclusivas e participativas, visando garantir a eficiência e a transparência na gestão dos recursos dos municipais.

Assim, compreende-se que a formação de novos municípios durante o processo de redemocratização foi uma maneira de assegurar uma administração mais próxima às necessidades e demandas das comunidades, conferindo mais autonomia e responsabilidade para as regiões em termos de gestão dos seus recursos municipais.

No cenário atual, o atual município de Heliópolis/BA, está situado na zona fisiográfica conhecida como Semiárido do Nordeste II. Limita-se ao Norte com a cidade de Cícero Dantas e Fátima, a Oeste com Ribeira do Pombal, ao Sul com a sua antiga cidade mãe Ribeira do Amparo e ao Leste com Poço Verde, cidade com quem faz divisa entre os Estados da Bahia e Sergipe. Suas terras são de formação sedimentar, com a predominância do massapê e terrenos arenosos e argilosos nas regiões da caatinga.

A fauna, outrora abundante, encontra-se hoje em vias de extinção devido à caça e à destruição desordenada do meio ambiente, resultante do desmatamento para a formação de pastos. Nos limites do território de Heliópolis, o município estabelece uma autoridade para garantir sua segurança e autonomia na administração de recursos, visando garantir o bem comum de seus habitantes. Esse processo de formação municipal ocorre quando um distrito se desenvolve mais que sua cidade e passa a gerir com recursos próprios.

De acordo com Nascimento, Pietro e Mendes (2018, p. 99): “Os municípios são criados por lei estadual, com personalidade jurídica de direito público interno. Na visão política, é uma expressão administrativa descentralizada para atender às peculiaridades locais, no que tange ao âmbito de sua competência.” E é isso que vamos compreender no decorrer deste capítulo, o processo de formação municipal da atual Heliópolis, partindo da origem da Vila de Pau Comprido, passando pelo distrito de Novo Amparo até a denominação mais recente para este município.

Cabe mencionar que os municípios nem sempre tiveram a organização atual, pois a configuração política e administrativa variou nas diferentes constituições brasileiras, até chegar ao modelo atual, garantido pela Constituição Federal de 1988. Segundo Nunes (2019, p. 165), a organização dos municípios, desde a colonização à Independência do Brasil, reflete a

constante luta pela efetiva autonomia desse ente político-jurídico na estrutura do Estado brasileiro, alcançando plenitude com a Constituição de 1988. O estudo do processo de formação e construção da municipalidade possibilitará interpretações acerca das representações que dele emanam, conforme destaca Sandra Jathay Pesavento.

[...] é possível por frente a frente as representações da cidade que falam de progresso ou tradição, as que celebram o urbano ou idealizam o rural, o imaginário dos consumidores do espaço frente aos dos produtores da urbe, a visão das elites citadinas com a dos populares e deserdados do sistema, a dimensão da esfera pública, como representação, com o imaginário constituído sobre o privado, as imagens do espaço que contrapõe o centro ao bairro, ou, ainda, a própria visão de rua, vista como local de passeio ou passagem, contra posta aqueles que nela moram por não terem outra opção. (Pesavento, 2002. p. 19-20)

Assim, podemos notar a complexidade das representações da cidade e como elas podem ser vistas de forma diferente por diferentes grupos sociais. Por exemplo, enquanto algumas pessoas celebram o progresso urbano, outras preferem a tradição rural. Além disso, a visão dos consumidores do espaço pode ser distinta da visão dos produtores da urbe. A cidade também pode ser vista de maneira diferente em relação à dimensão pública e privada, bem como em relação ao centro e aos bairros. Por fim, a rua pode ser vista como um local de passeio ou passagem por alguns, mas para outros é o único local onde eles podem morar.

Nesse sentido, a distribuição desigual da população entre as áreas urbanas e rurais pode criar representações diferenciadas dessas áreas entre os moradores, levando a distinções entre eles. A concentração de serviços públicos na zona urbana pode fazer com que os moradores da zona rural sintam-se desprivilegiados e tenham dificuldades de acesso a esses serviços. Isso pode perpetuar a desigualdade e a divisão entre as áreas urbanas e rurais, prejudicando a coesão social e o desenvolvimento equilibrado da região.

Heliópolis, enquanto cidade, traz em si uma série de questões que norteiam a vida em comunidade. Pois, pode ser entendida como palco de conflitos, sendo representada de várias formas, a partir de seu processo de formação, que perpassa pela Vila de Pau Comprido, o povoado de Novo Amparo e conseqüentemente, após a elevação a categoria de cidade, que passa a se chamar Heliópolis.

2.1 A Vila de Pau Comprido

A região que hoje compreende Heliópolis iniciou seu processo de formação no ano de 1910, conforme relatado pelos moradores mais idosos. A vila que deu origem à cidade era

chamada de Pau Comprido, e duas explicações são fornecidas para essa nomenclatura. A primeira, menos aceita pela população, sugere uma rixa entre duas famílias. A segunda e mais aceita explicação atualmente relata que fazendeiros locais decidiram se apossar de uma grande árvore para comercializar carne de boi, carneiro e porco. Na época, havia poucas residências na área, incluindo a do fazendeiro João Tavares, além de outras casas mais distantes, como as de Balbino Torres, José Umburana, Leopoldino Pereira e Pedro da Gama. Atualmente, esses nomes são utilizados para denominar as ruas onde essas personalidades moravam.

A comercialização de carne ao redor da árvore ocorria regularmente aos sábados, originando o primeiro nome dado pelos moradores e frequentadores da feira à região, "Pau Comprido", em referência à grande árvore. A frequência dos agricultores sob essa árvore levou ao estabelecimento de uma feira livre, atraindo moradores de regiões circunvizinhas, como a Freguesia de Bom Conselho (Cícero Dantas), Vila de Fátima (distrito da Freguesia de Bom Conselho, atual cidade de Fátima), Ribeira do Pau Grande (Ribeira do Amparo) e o povoado de Poço Verde.

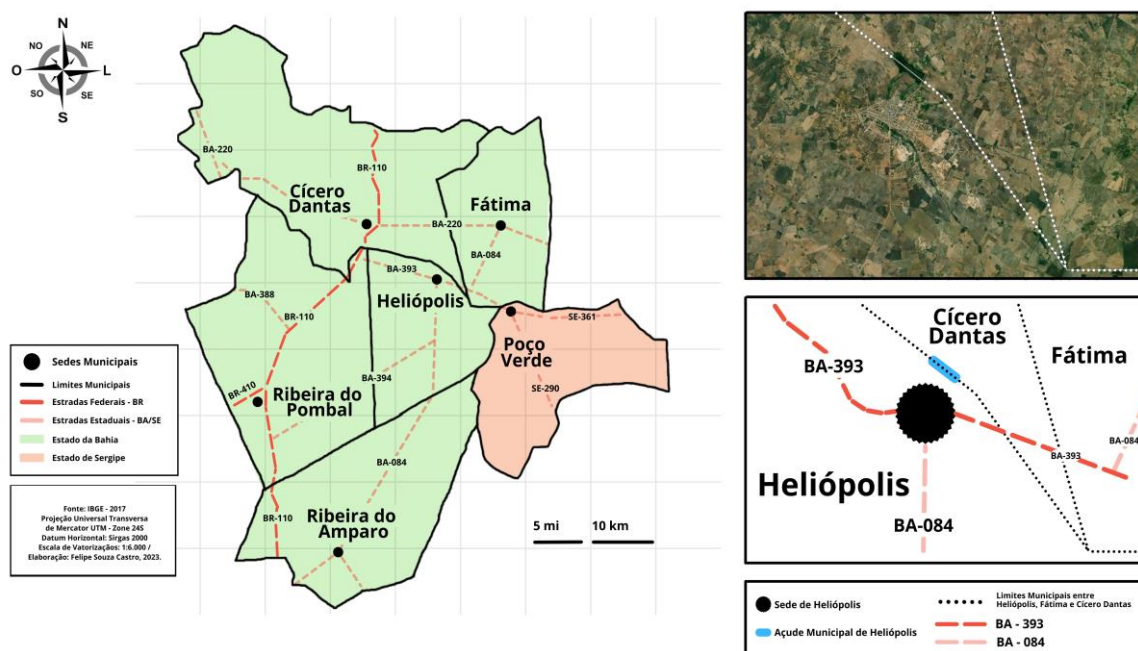
Na década de 1951, Pau Comprido, uma pequena vila localizada na região semiárida do Nordeste brasileiro, confrontava sérios desafios decorrentes da negligência do poder público. As estradas vicinais, de qualidade precária, dificultavam enormemente o acesso à região, contribuindo para o isolamento da comunidade. A ausência de investimentos e manutenção adequada tornava a mobilidade um obstáculo significativo, afetando não apenas a vida cotidiana dos habitantes locais, mas também comprometendo as trocas comerciais e sociais com as áreas circunvizinhas.

Apesar das adversidades, Pau Comprido permanecia dinâmico e pulsante, especialmente devido à presença de dois imponentes tanques que supriam não apenas as necessidades hídricas dos residentes do povoado, mas também abasteciam as regiões vizinhas. A escassez de água encanada na época fazia com que esses reservatórios se tornassem pontos vitais de abastecimento, conferindo à localidade uma importância estratégica. Essa situação paradoxal de movimentação em meio à dificuldade de acesso delineava a resiliência e a adaptabilidade da população local diante das condições adversas.

O cenário em Pau Comprido, marcado pela interseção de obstáculos geográficos e desafios sociais, refletia uma realidade característica da seca que assolava o Nordeste na década de 1951. A falta de infraestrutura e a escassez de recursos, aliadas à ausência de políticas públicas eficazes, moldavam a vida cotidiana da comunidade, que, mesmo diante das adversidades, encontrava nas fontes de água locais uma fonte essencial de sobrevivência e coesão social.

O mapa abaixo destaca a localização do açude e seus limites territoriais, pertencendo tanto a Heliópolis quanto à cidade de Cícero Dantas. Construído pela união de dois grandes tanques na região, o açude foi uma resposta à seca de 1951, que assolou o nordeste brasileiro. A falta de chuvas causou redução significativa na produção agrícola e pecuária, resultando em consequências econômicas e sociais devastadoras. Para abordar esses problemas, o governo brasileiro implementou medidas como a distribuição de alimentos e a construção de poços e açudes.

Figura 01 – Mapa com limites municipais de Heliópolis-BA



Fonte: De autoria própria.

Segundo relato coletado em entrevista realizada com José Emídio Tavares de Almeida⁵, essa feira livre acabou se tornando muito famosa, pelo fato de a região possuir dois grandes tanques nos quais os moradores do povoado e frequentadores da feira banhavam-se, servindo assim, de uma área de lazer. É importante ressaltar que, devido às fortes chuvas, esses dois tanques acabam por se fundir, e anos depois viriam a se tornar um açude.

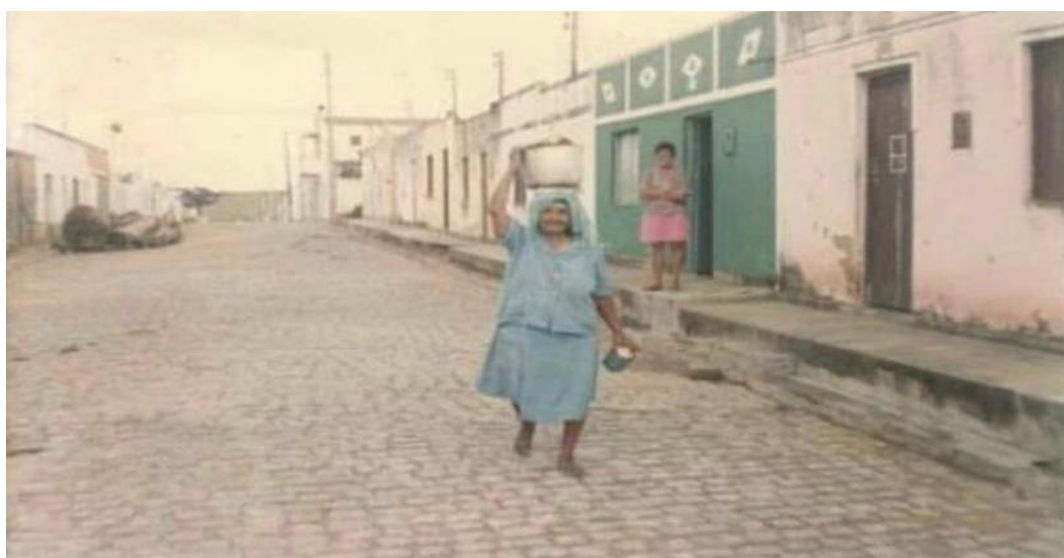
⁵ Primeiro prefeito eleito da cidade de Heliópolis, após processo de emancipação em 1985.

De acordo com Nascimento, sobre tais aspectos, Maria Augusta tem escrito em seus registros pessoais datados de 1996 que:

Em 1952, por intermédio do Prefeito Agenor Brito, que era o Prefeito da cidade de Ribeira do Amparo, juntamente com o governador da Bahia, o Dr. Regis Pachêco, junto com a população do Pau Comprido, depois, Novo Amparo, hoje, atual Heliópolis, construíram a Barragem do Açude, que antes eram dois tanques; um certo dia, houve uma grande trovoadas e alagou a região dos dois tanques e eles se encontraram; foi aí que o Prefeito: Agenor Brito, foi comunicado pelos moradores do povoado, e, aí, pediram recursos ao governador da Bahia, Dr. Regis Pachêco e as obras foram realizadas [...] (Registros pessoais).

Assim, podemos perceber que a criação do açude de Heliópolis foi uma iniciativa da população local em conjunto com o poder público para assegurar a garantia de água potável em eventuais períodos de seca que assolavam a região nordeste na época. Essas secas eram sinônimos de fome e miséria da população nordestina, que não via outra alternativa senão recorrer a orações aos Santos Católicos, intercedendo por chuva. Para Landisvalth Lima, “Parte do sustento de muitas famílias vinha do açude. Ele também matou a sede de muitas pessoas dessa cidade, pois possuía uma água limpa, que dava gosto. Nas margens do açude, brincávamos de capoeira e futebol, era um ponto turístico de Heliópolis.”

Figura 02 – Dona Regina, carregando água do açude para abastecer os potes de sua residência.



Fonte: Acervo de José Emídio Tavares de Almeida.

O açude não apenas se tornou uma infraestrutura vital para o abastecimento de água, como podemos notar na fotografia acima, a senhora dona Regina, personalidade marcante na

história de Heliópolis, carregando água do açude para abastecer sua residência. O açude ajudava a combater os impactos devastadores das secas na vida das comunidades nordestinas. Além de seu papel prático, o açude de Heliópolis simboliza a resiliência e a determinação do povo nordestino em enfrentar adversidades climáticas.

A fala do professor Landisvalth Lima remete a uma lembrança de grande significado histórico e social para a cidade de Heliópolis, especialmente no que diz respeito ao papel do açude na vida das famílias e comunidades locais, o açude fornecia recursos hídricos para atividades agrícolas, pecuárias ou mesmo para a pesca, contribuindo para a subsistência das famílias. Isso ressalta a conexão entre o meio ambiente e o bem-estar das pessoas, destacando a dependência das comunidades em relação aos recursos naturais. A mencionada prática de capoeira e futebol nas margens do açude destaca o seu valor como espaço de lazer e convívio social para a população local, isso se comprova, ao analisarmos a imagem abaixo, na qual podemos observar os jovens Vianey e Cabral, praticando karatê, nas margens do açude na década de 80.

Figura 03 - Vianey e Cabral praticando karatê, nas margens do açude de Heliópolis.



Fonte: Acervo pessoal de Landisvalth Lima.

Quando o açude passava por períodos de seca, o povo simples daquela época não tinha muitos sonhos; era conformista e fatalista, atribuindo tudo o que acontecia, seja para o bem ou para o mal, aos desígnios de Deus. Por isso, nada fazia para mudar os rumos dos acontecimentos, a não ser interceder pela santíssima misericórdia dos santos, destacando São Pedro.

Nesse contexto, a religiosidade é um fenômeno marcante presente na cultura nordestina, servindo de elemento formador da identidade regional e local. Nesse processo de construção da municipalidade e também da memória heliopoliense, é importante destacar que os fazendeiros que habitavam a região eram católicos e frequentavam as missas na paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, na cidade de Cícero Dantas/BA. Certa vez, pediram ao padre desta igreja, para realizar uma missa no então povoado de Pau Comprido, conforme relato de José Emídio Tavares de Almeida:

Com o passar do tempo, um dos fazendeiros, por ser muito Católico e frequentava a igreja da freguesia de Cícero Dantas, que ficava um pouco distante de “Pau Comprido”, pediu ao padre da referida igreja para ele ir celebrar uma missa lá no “Pau Comprido”, então o Padre José Mendonça atendeu o pedido e foi celebrar a Missa no então povoado “Pau Comprido”, e ao termino dessa celebração o referido Padre colocou uma pedra no local a qual havia acabado de celebrar, e essa pedra serviu de marco para sinalizar o local pela qual seria construída a primeira capelinha dessa nova urbanização que começava a engatilhar. (Almeida, 2021)

Como Cícero Dantas era um município vizinho, a população do povoado de Novo Amparo, frequentava a paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, que tinha as suas novenas comemoradas no dia 15 de agosto, onde eram realizados nove dias de novena, que antecediam o dia 15. Tal com relatado em entrevista com a senhora Livia Rosane Santos, que recebia seus familiares de Novo Amparo em sua residência, no período de novena.

A festa de agosto, comemorada no dia 15, em homenagem à padroeira da cidade de Nossa Senhora do Bom Conselho, embora hoje já descaracterizada pela modernidade que lhe tirou aquele aspecto, misto de religiosidade e de folclore, era naqueles tempos, o acontecimento de maior relevância para o povo da região e dos municípios circunvizinhos, como Heliópolis, que no tempo a que me refiro, chamava-se Novo Amparo, da qual recebia meus familiares que lá residiam, para prestigiar as noites de novenas. A época da realização da festa coincidia com o final da colheita e, por este motivo, todos tinham dinheiro para comprarem roupas novas e gastar com alguma coisa supérflua. A festa propriamente dita durava dois dias, na verdade, porém, as comemorações começavam já com a chegada da banda de pífaros. (SANTOS, 2022.)

Como se observa, no relato de Livia Rosane, o apreço pela religiosidade da população era muito grande, levando os povoados circunvizinhos a prestigiar os novenários de Nossa Senhora do Bom Conselho. A conexão entre a festa e o final da colheita ressalta a importância econômica dessa celebração, permitindo que as pessoas desfrutassem de momentos de lazer e gastassem dinheiro em roupas e diversões, ilustrando como a festa desempenhava um papel vital na vida das comunidades locais.

Ao correlacionar a festa com o encerramento da colheita, destaca-se a conexão intrínseca entre essa celebração e o ciclo econômico das comunidades. A conclusão da colheita não apenas simboliza a prosperidade e a abundância, mas também marca um período propício para o comércio local.

A festividade não é apenas um evento cultural, mas uma oportunidade estratégica para impulsionar a economia local, proporcionando às pessoas não apenas momentos de lazer, mas também estimulando o consumo de bens e serviços. O ato de gastar dinheiro em roupas e diversões durante a festa não apenas enriquece a experiência individual, mas também contribui para a sustentação econômica das atividades locais, ressaltando, assim, a relevância econômica crucial que essa celebração assume nas comunidades.

Ao permitir que as pessoas desfrutem de momentos de lazer e gastem dinheiro em roupas e diversões, a conexão entre a festa e o término da colheita revela-se como uma peça-chave na engrenagem econômica das comunidades. Mais do que uma simples celebração cultural, a festividade atua como um catalisador econômico, canalizando recursos para diferentes setores locais. A interseção entre a abundância da colheita e o consumo durante a festa destaca como essa tradição não só fortalece os laços sociais, mas também sustenta a vitalidade econômica das localidades. Ao criar um ambiente propício para o comércio, a festa se transforma em um motor de desenvolvimento local, moldando a dinâmica financeira e social das comunidades de maneira sinérgica e benéfica.

Esse fato, em torno da religiosidade, levou aos moradores do então povoado de Novo Amparo a buscarem maneiras de fundar a sua primeira igreja, para assim começarem a realizar os seus “encontros de fé” em seu território. Sem perda de tempo, com a ajuda de todos os moradores do povoado de Novo Amparo, deu-se início à construção de uma capela. Vagarosamente, graças ao trabalho constante e perspicaz dos seus habitantes e também da influência religiosa, mais e mais pessoas passassem a querer morar cada vez mais próximo das redondezas da capela, o que contribuiu para o processo de urbanização do povoado.

A religião teve um papel importante na formação social e cultural da Vila de Pau Comprido. A capela, que fora construída serviu como centro da comunidade, onde as pessoas se reuniam para praticar sua fé e participar de eventos comunitários. A religião também desempenhou um papel na educação da população, como na criação de escolas e na disseminação de valores morais e éticos.

O catolicismo desempenha um papel fundamental na moldagem da municipalidade e na forja da identidade única do sertão nordestino. Nessa região árida e caracterizada pela constante

presença da seca, a fé católica não apenas permeia as práticas religiosas, mas também se entrelaça com a vida cotidiana dos habitantes. Os religiosos desempenham um papel crucial, atuando como mediadores entre a comunidade e as forças naturais, frequentemente intercedendo por chuvas que são vitais para a prosperidade da região. Assim, o catolicismo transcende o âmbito espiritual, transformando-se em um elemento essencial na busca por dias mais fecundos e no enfrentamento das adversidades climáticas que caracterizam o sertão nordestino.

A presença marcante do catolicismo na construção da municipalidade também se reflete na coesão social e cultural da comunidade. As festividades religiosas, como as celebrações de santos padroeiros, não apenas fortalecem os laços entre os moradores, mas também contribuem para a preservação de tradições locais. O catolicismo, assim, emerge como um elemento unificador que não só transcende as fronteiras espirituais, mas também desempenha um papel ativo na formação da identidade coletiva do sertão nordestino, moldada por uma convivência única com as adversidades climáticas e a busca constante por esperança e prosperidade.

Nesse contexto, podemos notar na fotografia abaixo, disponibilizada pelo então José Emídio Tavares de Almeida, do seu acervo pessoal, a primeira igreja católica do distrito de Novo Amparo que viria a se tornar Heliópolis, anos mais tarde, a mesma recebeu a imagem do Sagrado Coração de Jesus como seu padroeiro.

Figura 04 - Lateral da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: Acervo pessoal José Emídio Tavares de Almeida.

O crescente desenvolvimento do povoado de Pau Comprido era notável, com a chegada do Padre José Mendonça, este povoado passaria a se chamar de Novo Amparo, em referência a cidade de Ribeira do Amparo, da qual fazia parte. Assim como destaca José Emídio Tavares de Almeida.

Ah! Faz-se importante ressaltar que a árvore “Pau Comprido” que deu origem ao nome desse povoado, era um pé de cajueiro muito grande, que ficava localizado no centro da atual Praça José Dantas de Sousa. Passando alguns anos, o Padre José Mendonça, por não gostar do nome de “Pau Comprido”, passou a chamar esse povoado de Novo Amparo, tendo uma grande aceitação por parte dos seus moradores, então nossa cidade recebe sua segunda nomenclatura de conhecimento regional, nesta época, já havia muitas casas residenciais e algumas casas comerciais... Já havia a Igreja, a Escola de Alfabetização. (Almeida, 2021)

Antes da construção da igreja da Vila de Pau Comprido, eram poucas as casas nos arredores, depois de erguida a igreja nota-se o crescente crescimento deste povoado, assim, como destaca José Emídio Tavares de Almeida. “[...] após um ano, os moradores construíram uma capela que fora inaugurada no dia 26 de fevereiro de 1911. Com a chegada da imagem do Sagrado Coração de Jesus. Depois da construção, foi visível o aumento populacional e consequentemente a quantidade de casa da vila” (Almeida, 2021). Nesse contexto, podemos relacionar o desenvolvimento do povoado de pau comprido a alguns fatores, o primeiro deles seria a realização da feira livre, o segundo seria a abundancia hídrica da região, o terceiro seria a criação da capela do povoado, que mais tardar seria a igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Figura 05 – Reforma da praça da igreja matriz início dos anos 90.



Fonte: Acervo pessoal de José Emídio Tavares de Almeida.

Na fotografia podemos observar como após a construção da igreja o povoado passa por um processo de desenvolvimento, reformas de praças, ampliação de calcamentos e redes de

esgotos nos arredores, etc. a construção da igreja também pode ter influenciado a atratividade da área para investidores e empreendedores locais, resultando no desenvolvimento de negócios e atividades econômicas. A presença de uma estrutura significativa como a igreja pode ter estimulado o senso de identidade e orgulho na comunidade, criando um ambiente propício para o crescimento.

2.2 Distrito de Novo Amparo

O povoado de Pau Comprido pertencia à comarca de Cipó, juntamente com o povoado de Vila do Amparo. Em 1958, pós processo de emancipação, Vila do Amparo passou a se chamar de Ribeira do Amparo, que incluiu o povoado de Pau Comprido, que ficando conhecido como Novo Amparo, nome dado pelo primeiro padre deste povoado. Vale ressaltar que Novo Amparo experimentou um crescimento significativo após integrar-se à cidade de Ribeira do Amparo anos depois, buscou sua independência, alegando ter se desenvolvido mais do que a sua sede.

É importante destacar que antes de pertencer a comarca de Cipó, o município de Ribeira do Amparo pertencia a Pombal, atual Ribeira do Pombal. Esse fato ocorreu por meio de um ato estadual datado de 17 de dezembro de 1890, com a denominação de Vila do Amparo. Somente após o ano de 1931, a Vila do Amparo teve seu território anexado ao de Cipó, passando a ser chamada Ribeira do Amparo. E apenas em 1958, ela alcançou o status de cidade.

Assim como destaca, o ex-prefeito da cidade de Heliópolis José Emidio Tavares de Almeida:

O Distrito de Novo Amparo foi criado pelo decreto estadual nº 7237, em 29-01-1931, e inicialmente subordinado ao município de Cipó. Em 1933, a divisão administrativa deu início a Novo Amparo como distrito de Cipó. No entanto, em 30-11-1938, o decreto-lei estadual nº 11089 mudou o nome de Novo Amparo para Heliópolis. Em 1950, Heliópolis já era vista como distrito de Cipó, mas em 1958, a lei estadual nº 1027 mudou a sua localização para o município de Ribeira do Amparo. (Almeida. 2021)

Durante o período que fez parte da cidade de Ribeira do Amparo, o povoado de Novo Amparo crescia mais rapidamente do que a própria cidade. “Novo Amparo, e crescia muito mais do que sua sede municipal Ribeira do Amparo. Entretanto, é válido ressaltar que a condição de vida em Novo Amparo dependente de Ribeira é muito melhor do que quando essa mesma região pertencia a Cipó.” (Almeida. 2021)

Como podemos perceber nas palavras do senhor José Emídio Tavares de Almeida, o desmembramento do povoado de Novo Amparo da cidade de Cipó possibilitou melhorias significativas, uma vez que a nova sede administrativa passou a ser a cidade de Ribeira do Amparo, que também, no mesmo ano havia sido desmembrada da cidade de Cipó. Ribeira do Amparo,

Dentre os prefeitos que governaram Ribeira do Amparo e que consequentemente o distrito de Novo Amparo, destaca-se o nome de José Dantas de Souza, este possuía residência no distrito e por este motivo, buscou trazer grandes obras, levando ao mesmo um grande desenvolvimento. que também, no mesmo ano, havia sido desmembrada da cidade de Cipó. Ribeira do Amparo, por ser maior do que a Vila de Pau Comprido, foi elevada à categoria de cidade, incluindo Novo Amparo, que passaria a se chamar assim, ficando mais próxima do povoado e fornecendo-lhe mais assistência e benfeitorias, como a criação de escolas, posto de saúde, delegacia, açougue, açude, praças, etc. Dessa forma, é notório o desenvolvimento do povoado de Novo Amparo.

Esse desenvolvimento pelo qual passou o distrito fez com que a população experimentasse uma melhoria na qualidade de vida, levando as pessoas que residiam em povoados e fazendas a se mudarem para Novo Amparo. Os fatores que justificam essa migração são, precisamente, as oportunidades de avançar nos estudos e uma melhor qualidade nos serviços de saúde. O progresso pode ser notado na fotografia abaixo, onde podemos observar a existência de ruas com calçamentos e energia elétrica.

Figura 06: Foto tirada de cima da torre da igreja, com vista para o açude de Heliópolis.



Fonte: Acervo pessoal José Emídio Tavares de Almeida.

A chegada da energia elétrica proporcionou melhorias substanciais na qualidade de vida dos moradores, possibilitando o desenvolvimento de atividades comerciais, industriais e residenciais. O calçamento das ruas, por sua vez, desempenhou um papel crucial na transformação do cenário urbano de Heliópolis. A pavimentação das vias não apenas conferiu maior conforto e segurança no deslocamento dos cidadãos, mas também estimulou a expansão urbana, atraindo investimentos e novos empreendimentos. Esse avanço é emblemático, uma vez que simboliza a superação dos desafios associados ao clima semiárido, proporcionando condições propícias para o seu crescimento.

2.3 Helio = Sol, Pólis = Cidade “À cidade do sol”

A denominação “cidade do sol”, a que Heliópolis foi atribuída é em referência ao seu nome. Para Sandra Jatahy Pesavento (2002), “uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção de seu imaginário é a atribuição de sentido.”, assim, uma cidade não é apenas um lugar físico, mas também um lugar onde as pessoas atribuem significados e valores. Esses significados podem ser culturais, históricos, emocionais e até simbólicos, como por exemplo, a sua denominação.

A maneira como as pessoas percebem e interpretam uma cidade influencia profundamente sua identidade. De acordo com José Emídio Tavares de Almeida, Novo Amparo passa a se chamar Heliópolis porque, “[...] um advogado ao chegar aqui, achou o “sol de nossa terra” muito lindo e por coincidência desse fato, resolveu dar um novo nome a recém emancipada cidade, que passa a se chamar Heliópolis, que epistemologicamente significa “Cidade do Sol” (Helio = Sol; Polis = Cidade), nome que permanece até os dias atuais.”.

O desenvolvimento do povoado de Novo Amparo irá refletir futuramente no processo de emancipação do distrito. Através de muita luta e diálogo político, Novo Amparo é elevado à categoria de cidade por determinação da lei nº 4.429, de 11 de abril de 1985, sancionada pelo governador da Bahia João Durval Carneiro.

No dia 15 de novembro de 1985, ocorre a eleição para prefeito municipal, em todo o Brasil. Em Heliópolis o processo político eleitoral irá se dar por meio da existência de duas chapas, uma liderada por José Dantas de Souza renomado vereador do município de Ribeira do Amparo, mas que residia em Heliópolis; a segunda chapa liderada pelo José Emídio Tavares e Almeida, filho de fazendeiros locais e influentes na política local.

Nesse processo, o candidato que sai vitorioso é o José Emídio Tavares de Almeida, conhecido como Zé do Sertão, este toma posse no dia 01 de janeiro de 1986. Desde a sua emancipação Heliópolis, vem passando por um processo de crescimento abrangendo uma vasta extensão territorial, formada por fazendas e povoados, dentro destes destacam-se por ser mais populosos: o povoado Riacho, Tanque Novo, localizados na região Sul do município; Massaranduba, na região Norte; Viúveira, Farmácia, Serra dos Correias e o Tijuco na região Oeste; Cajazeira, Cubanzê e Jiboia, no Leste. Devido à grande extensão territorial podemos identificar uma rica diversidade cultural existente no município.

Nesses primeiros anos pós-emancipação Heliópolis passou por situações difíceis para arcar com as contas públicas, foram poucas as bem-feitorias na cidade, com destaque para a criação de um evento festivo no calendário municipal no ano de 1987, o São Pedro de Heliópolis, que passou a dar visibilidade ao município região a fora. Tal evento, passaria a representar a cultura e a identidade local.

2.4 Os elementos formadores da identidade municipal

A formação de uma identidade de um lugar, estar relacionada a vários fatores, como por exemplo, desenvolvimento, cultura, patrimônio, formação histórica, etc., quando os moradores têm propriedade dos elementos que fazem parte da história e os elementos que compõem o imaginário do seu município, estes tendem a valorizar o seu território e consequentemente mostrar sua identidade para os seus visitantes. “A identidade gera o sentimento de pertencimento, a referência que nos orienta enquanto cidadãos.” (Lerner, 2015, p.13). Nesse sentido, a identidade será formada a partir de processos históricos, que irão nortear a construção da cidade.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasioso sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 2006. pp. 38)

Seguindo essa noção proposta por Stuart Hall, a identidade enquanto um sentimento de pertencimento a determinado lugar, pode ser concebida de forma distinta, ou seja, por diferentes processos, através da passagem do tempo, gestão da cidade, mudança da paisagem, práticas sociais, entre outras.

No caso da cidade de Heliópolis, que teve sua emancipação conquistada e/ou reconhecida conforme a lei Estadual de 11 de abril de 1985, com o processo de redemocratização que

ocorreu no país. O município, a partir do momento em que conquistou sua independência, passou a ter o direito de possuir uma administração, com uma legislação municipal própria, um território definido, um hino, uma bandeira e uma naturalização (identidade).

Para Azevedo,

(...) uma região pode ser percebida de diversas formas em variados momentos históricos, a partir de teorias diversas e de olhares múltiplos. A princípio está pode ser entendida como um recorte espacial, definida pela geopolítica, por certa unidade econômica, ou como uma representação mental, seguida de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento, que gera uma identidade espacial, a partir das práticas e discursos regionalistas, em que os agentes sociais investem os seus interesses. Região caracteriza divisão, separação e fronteiras. (2012. p. 29)

No momento, após a emancipação política do município de Heliópolis/BA, o então primeiro prefeito José Emídio Tavares de Almeida, tem a ideia de criar no calendário municipal um festejo de grande porte, que a princípio não tinha em mente que evento seria esse e nem a data de realização do mesmo. Pois, na época os eventos da recém emancipada cidade eram de cunho religioso, como os festejos natalinos, novenas, etc., vaquejadas, entre outros festejos. Segundo Guilherme Guimarães Leonel.

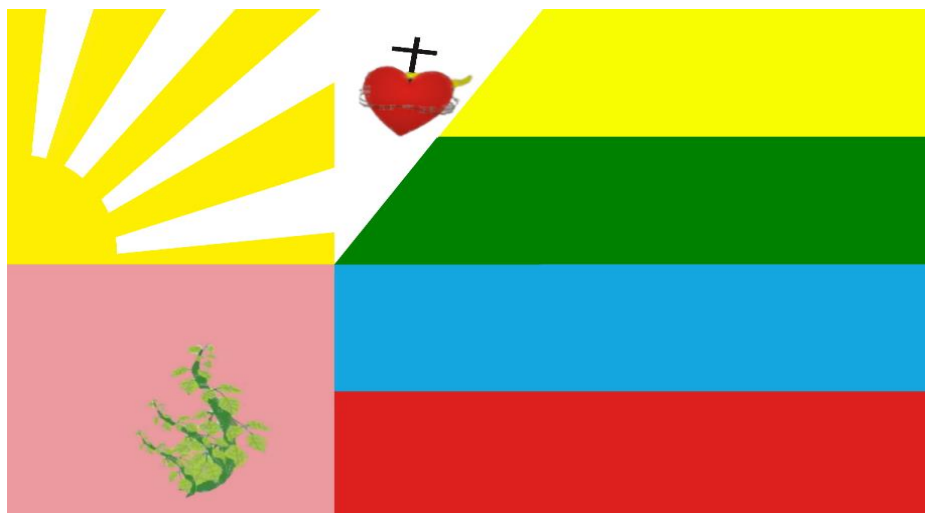
No contexto da formação das cidades no Brasil, é preciso avaliar historicamente que as festas religiosas foram as atividades coletivas urbanas mais antigas. Até o século XIX, as festas foram os acontecimentos mais importantes das cidades brasileiras, fonte de lazer coletivo e de presença no espaço público. (2010. p.39)

Dentro dos elementos e/ou símbolos constituidores da identidade municipal de Heliópolis, podemos citar a bandeira, o hino, as construções (praças), e as festas que são realizadas no município.

2.4.1 A bandeira

A bandeira de um município desempenha um papel importante na criação de identidade e representação simbólica. É um elemento visual que vai além da sua função prática de identificação, servindo como um símbolo que resume a história os valores e as aspirações da comunidade local, assim como podemos observar na figura abaixo que traz a bandeira da cidade de Heliópolis.

Figura 07: Bandeira da cidade de Heliópolis/BA



Fonte: De autoria própria.

A bandeira que representa a cidade de Heliópolis, possui alguns símbolos que caracterizam o município, tais como o sol, simbolizando Heliópolis como uma cidade do sol; o coração com uma cruz e uma fita amarela, representando Sagrado Coração de Jesus o santo padroeiro da cidade; possui também uma rama de pé de feijão, no qual, simboliza a agricultura e um dos principais produtos agrícolas comercializados pelos agricultores locais.

As cores presentes na bandeira são: o amarelo, o verde, o azul, o vermelho. O amarelo simbolizando o sol, o verde a vegetação, o azul representando o céu, o vermelho o santo padroeiro, o ramo simboliza a agricultura.

2.4.2 O hino

O hino é a representação sonora dos valores, da história, da cultura e do sentimento de pertencimento do povo com a sua comunidade, e isso não é diferente no hino de Heliópolis, composto por Gilberto Jacó Carvalho Santos, como podemos observar abaixo:

“Cidade Sol, com o céu sempre azul
 Tu és um sonho de luz norte a sul;
 O povo alegre de constância e valor
 Terra baiana que cultiva o amor;
 Heliópolis, Heliópolis

És minha terra, és meu lugar
 Heliópolis, Heliópolis
 Nunca vou deixar de te amar.
 Tranquilidade, nossa fonte de saúde
 O teu futuro é a tua juventude;
 Povo valente a tua fé que te conduz
 Salve o Sagrado Coração de Jesus;
 Heliópolis, Heliópolis
 És minha terra, és meu Lugar
 Heliópolis, Heliópolis
 Nunca vou deixar de te amar” (Gilberto Jacó Carvalho Santos).

O hino da cidade de Heliópolis, descreve o valor do povo deste município, localizando na região do semiárido do Nordeste da Bahia, que exalta o sentimento de amor como um valor importante. Podemos notar que o hino também faz referência ao Sagrado Coração de Jesus sugerindo uma forte influência religiosa na cidade, com uma fé que guia seus habitantes e proporciona tranquilidade, sendo considerada uma fonte de saúde para a comunidade. A juventude também é destacada como a esperança e o futuro de Heliópolis, enfatizando a importância de cuidar e investir nas gerações mais jovens.

O refrão "Heliópolis, Heliópolis, és minha terra, és meu lugar" ressalta o apego emocional e a identificação profunda dos habitantes com sua cidade natal. O hino transmite uma mensagem de lealdade e amor incondicional pela cidade, reforçando o compromisso de nunca deixar de amá-la.

2.4.3 O heliopoliense

O povo da cidade de Heliópolis, localizada no município do Estado da Bahia, na região semiárida nordestina, é caracterizado por sua resiliência, batalhador e sua forte ligação com a agricultura e a agropecuária (boi, carneiro, bode), a combinação de diferentes fatores contribuem para a formação da identidade do heliopoliense, que antes de tudo é nordestino.

Nesse contexto, cabe aqui fazer um adendo sobre o conceito de nordestino, que na concepção de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a construção social e cultural da identidade nordestina, emerge de práticas regionalistas e discursos enraizados nas elites do Nordeste do Brasil a partir do final do Século XIX, período marcado por um declínio econômico e político

na região, o que resultou em uma crescente dependência em relação ao Sul do país, especialmente São Paulo.

Assim, através dessa visão, percebe-se que a identidade nordestina é moldada por uma interação complexa de fatores históricos, econômicos e políticos, destacando como as relações de poder e influência regional desempenharam um papel significativo na formação dessa identidade. “O Nordeste é então inventado como espaço regional. Inicialmente o termo aparece sempre vinculado aos dois temas que mobilizavam as elites desta área do país, naquele momento, e que fizeram emergir a ideia de Nordeste: a seca e a crise da lavoura” (Durval, 2013. p. 138-139).

A região semiárida nordestina é conhecida por suas condições climáticas desafiadoras, caracterizadas por chuvas irregulares e escassas. Isso impõe desafios significativos para a agricultura, uma atividade econômica fundamental para a subsistência da população de Heliópolis. Os agricultores locais desenvolveram técnicas adaptadas à realidade do clima, como o uso de cisternas e sistemas de irrigação.

Além da agricultura, outras fontes de renda também sustentam a vida da população heliopoliense. O salário proveniente da prefeitura municipal oferece estabilidade econômica para muitas famílias, que têm parente concursado ou contratado, enquanto as aposentadorias do INSS garantem um apoio importante para a população idosa. Além disso, programas sociais como o Bolsa Família desempenham um importante papel na redução da pobreza e no apoio às famílias de baixa renda. A interdependência entre essas diversas fontes de renda molda a dinâmica socioeconômica da cidade.

A solidariedade e a cooperação são características marcantes do povo de Heliópolis, pois as famílias frequentemente se unem para compartilhar recursos e apoio mútuo. A rede de relacionamentos e o senso de comunidade desempenham um papel importante na superação das dificuldades enfrentadas. Além, dessas características que o heliopoliense possui, tem a religiosidade que é muito marcante.

Nesse contexto, vale ressaltar que o heliopoliense é também considerado um povo festeiro, que celebra uma variedade de festas ao longo do ano, combinando elementos profanos e religiosos.

Entre essas festas destacam-se: as festas de padroeiro, como por exemplo o da cidade que é o Sagrado Coração de Jesus, a festa de queima de judas realizada no sábado de aleluia, a festa de natal antecipada da cidade e uma das mais importantes a tradicional festa de São Pedro, objeto de estudo dessa pesquisa. Essas celebrações não apenas ressaltam a rica herança cultural

da região, mas também desempenham um papel importante na coesão social e na expressão da identidade local.

De acordo, com o professor Landisvalth Lima.

Inicialmente a ideia de Zé do Sertão era trazer um trio elétrico, com a intenção de fazer uma festa semelhante ao aclamado carnaval de Salvador, mas essa ideia foi descartada por seu correligionário e colaborador, e mais tarde apresentador do São Pedro, professor Landisvalth Lima. Este alegou a falta de estrutura da cidade e até uma falta de coerência, pois trio elétrico não tinha nada a ver com a cultura local. Deu a ideia de, ao invés de um festejo semelhante ao de Salvador, que se fizesse uma festa que difundisse as origens da cultura do nordeste brasileiro. (2018)

Fica claro com a fala do professor Landisvalth Lima, que a festa é criada a partir da vontade da gestão municipal, ela não surge enquanto uma manifestação popular, foi pensada para ser um evento que representaria a cultura do município, e mais tarde a identidade do mesmo, já que o povo heliopoliense ficaria conhecido como um povo festeiro, receptivo, etc.

Compreender como se dá o processo de criação da festa de São Pedro de Heliópolis/BA irá possibilitar o compartilhamento de experiências, conhecimentos, sabedorias, tradições, costumes de um povo que participam direta e indiretamente, dessa manifestação cultural carregada de simbologia e que fortalece a cultura e a identidade do município.

Nesse contexto, para realizar tal estudo foi necessário trabalhar com a História oral, que de acordo com Verena Alberti (2008, p. 155), “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.”

A festa enquanto patrimônio da cultura local, irá construir versões sobre as identidades dos grupos sociais, além de construir uma determinada memória. Cada grupo produzirá suas memórias, com base nas suas experiências com a tradicional festa de São Pedro, como elementos que impulsionam a sua identidade. As identidades são justamente discursos, construídos sobre como é esse grupo, a memória será o reflexo do real, como uma representação do passado. “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (Nora, 1993. p. 21)

As representações se relacionam, a um objeto ou a um sujeito, tem como relação a simbolização desse objeto, conferindo-lhe significado. Se refere a experiências a partir da qual ela é produzida, em que contexto e circunstâncias.

A festa torna-se assim, um lugar de memória. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que

a chama, porque ela a ignora.” (Nora, 1993. p. 12-13). Neste sentido, é necessário dizer que, a história é antes de tudo uma prática social, construída na sociedade, pelos indivíduos que nela estão inseridos, todo lugar é cabível de memória. Esses lugares de memórias são cheios de experiências, saberes, conhecimentos. Não são isolados ou mera construção humana.

Pierre Nora nota que a memória coletiva, definida como "o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado", pode à primeira vista opor-se quase termo a termo à memória histórica como se opunha antes memória afetiva e memória intelectual. Até os nossos dias "história e memória" confundiram-se praticamente e a história parece ter-se desenvolvido "sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização". (Le Goff, 1990. p. 473-474).

O resgate oral aponta que início do festejo de São Pedro remonta à década de 1987. A história do festejo está presente na memória da população do município, em especial dos mais velhos que participaram ativamente da construção dessa tradição popular. Hoje a festa de São Pedro é considerada profana pelo simples fato de ter se desligado das tradições religiosas.

Assim, a memória serve de alimento para a construção da história. Cada grupo irá produzir suas memórias como elemento que ressignifica a sua identidade. Como é o caso, dos praticantes a tradicional festa de São Pedro de Heliópolis/BA. “a identidade regional é uma construção que se baseia nas representações sociais do lugar, da sua história e do seu povo; sendo, por conseguinte, derivada da memória coletiva.” (Azevedo, 2012. p. 29).

A festa irá contribuir para a cultura do município, enquanto patrimônio local e regional, que constrói, versões sobre as identidades dos grupos sociais, construindo também a memória individual e coletiva desses indivíduos. Segundo Azevedo, “(...) os laços de solidariedade, vizinhança, parentesco, amizade e variados sentimentos construídos como fundamentais na solidez da ideia de pertencimento, aos poucos vão ganhando terreno com a fragmentação da ideia de Estado-Nação”. (2012. p. 28)

A festa irá estabelecer relações com diversos fenômenos e questões como, por exemplo, identidade, diversidade cultural, memória, urbanidade e conflitos. Assim, a festa é um ponto de partida para entender e interpretar os vínculos coletivos que fazem parte da sociedade e como essa está organizada.

De acordo com Maurice Halbwachs, as pessoas por meio do processo de socialização constroem lembranças, onde estas têm como referência um ou mais grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e não são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós

estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (Halbwachs, 2013, p. 30).

Assim, a memória seria entendida como uma projeção ou identificação com determinado passado, na qual foi construída através de acontecimentos, pessoas, lugares. Se refere a experiências individuais ou coletivas, a partir da qual ela é produzida. Para Sandra Jatahy Pesavento (2006, p.46), a cultura é uma tradução do mundo em significados. Pois ela, é “uma produção social histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas (...)”.

Desse modo, a memória também é importante para entender a região, uma vez que essa memória irá incluir as histórias de vida dos indivíduos que formam determinado povo, comunidade. Onde, a preservação e valorização da cultura e da memória são fundamentais para garantir a continuidade das tradições e para compreender a história e a identidade da região. Isso pode ser feito por meio da educação, da pesquisa e do apoio a projetos culturais que valorizem essas expressões.

3. CAPÍTULO II - IGREJA, FESTA E MUNICIPALIDADE

A relação entre a Igreja, Festa e Municipalidade pode ser complexa e multifacetada, ou seja, possui características variadas, especialmente quando se trata de uma festa como a de São Pedro realizada na cidade de Heliópolis, na Bahia, objeto de estudo dessa pesquisa. Que é considerada puramente profana, mas que carrega uma simbologia religiosa em sua realização.

Nesse sentido, Ângelo Moisés Tavares⁶ destacou em entrevista que,

À festa é vista como uma manifestação cultural profana, pois reúne a comunidade local em celebrações que incluem danças, música, comida e bebida, não incluindo em seu realizar atos religiosos, como missas e procissão, estando relacionada ao sagrado apenas a sua simbologia. É uma oportunidade para as pessoas se unirem, festejarem o inverno prospero, sua cultura, e se divertir juntas. A relação entre o profano e o sagrado na festa de São Pedro de Heliópolis é complexa, pois a festa é simultaneamente profana e cultural, o que reflete na construção da identidade comunitária, destacando o povo heliopoliense como um povo festeiro. (2022)

A Igreja, como instituição, tem um papel importante na organização e realização de festas religiosas. Ela pode fornecer recursos financeiros e humanos para a realização do evento, além de ser responsável por preservar e transmitir as tradições e crenças relacionadas à festa. A Igreja também pode desempenhar um papel importante na orientação espiritual dos participantes e na promoção de valores morais e éticos relacionados ao evento, o que não vem a ser o caso, pois a igreja não participa no processo de organização e realização da festa de São Pedro, que é realizada na cidade de Heliópolis/BA.

A municipalidade, por sua vez, tem o papel de garantir a segurança e a ordem pública durante a festa, além de fornecer recursos para a sua realização, como infraestrutura e logística. A municipalidade também pode ser responsável por promover e difundir a festa, atraindo turistas e visitantes para a cidade.

A festa de São Pedro, é um evento realizado principalmente para fins de entretenimento e diversão, e não tem um objetivo religioso específico. No entanto, a simbologia religiosa presente na festa pode ser vista como um elemento importante na construção da identidade local, pois ajuda a preservar e transmitir as tradições e crenças da comunidade.

⁶ Professor da rede municipal e estadual de ensino de Heliópolis/BA.

O estudo das festas nesse contexto, compõe um universo muito amplo, que em seu realizar, traduz-se como um processo de apropriação das manifestações culturais, enquanto espaços de memória, que se fazem presente no imaginário popular.

A festa de São Pedro realizada na cidade de Heliópolis/BA, faz parte de um conjunto de festas populares que compõem o ciclo junino, e que estão presentes nas diversas regiões do país, principalmente na região nordeste. Onde, essas festividades ocorrem com maior fervor, misturando elementos do sagrado e do profano.

Entre os elementos sagrados, das festas juninas que são realizadas na região, pode-se destacar procissões e missas em homenagem aos santos, além de orações e rituais religiosos. Esses elementos sagrados são uma forma de homenagear os santos e pedir bênçãos e proteção para a comunidade. Já os elementos profanos incluem as danças e músicas populares, os jogos e brincadeiras, as comidas típicas, bebidas alcoólicas e os fogos de artifício. Esses elementos são uma forma de celebrar a vida e de expressar a alegria e a descontração da comunidade.

A combinação desses elementos sagrados e profanos reflete a complexidade e a riqueza da cultura e da religiosidade nordestina, e também mostra como as tradições e as crenças populares se misturam e se complementam.

Sabendo que a tradicional festa de São Pedro do município de Heliópolis/BA, é um evento idealizado a partir da gestão municipal para criar no calendário local, uma data festiva que ressignificasse a identidade da recém emancipada cidade. Neste sentido, o presente capítulo, parte do seguinte questionamento: de que forma o sagrado e o profano são percebidos no contexto da Festa de São Pedro do município de Heliópolis?

Segundo Luciana Chianca, “o calendário festivo dedicado aos santos é marcado por momentos alternados de devoção e diversão, com predominância circunstancial de um ou outro aspecto conforme o momento histórico e a experiência pessoal de cada ator/situação (2007, p. 51).” Nesse sentido, a festa de São Pedro de Heliópolis, é marcado por momentos alternados de devoção (por incluir símbolos que remetem ao sagrado) e diversão. Isso indica que essa festividade é uma forma de expressão cultural e religiosa⁷, podendo mudar de acordo com as necessidades e as mudanças históricas, sociais e pessoais da comunidade que a celebra.

⁷ Por carregar símbolos que remetem ao sagrado como, por exemplo, a imagem de São Pedro, que é o santo católico que dá nome a festa, assim como outras imagens religiosas (São João, Santo Antônio), cruzeiros. A fé nos santos católicos que o povo heliopoliense carrega, também pode ser considerada como símbolo sagrado, pois simboliza a identidade cultural da comunidade e seu orgulho em suas raízes nordestina. Além disso, a participação comunitária, o uso de elementos da natureza e a gastronomia também podem ser considerados como símbolos sagrados.

Há toda uma historicidade que constitui esse processo, são saberes e fazeres criados ao longo de séculos, tornando-se tradição que se fundem no cotidiano das cidades e na construção de significados na vida dos seus habitantes.

(...) a festa pode ser investigada e interpretada nos diferentes contextos de grupos específicos, em que há criações, usos, realizações e elaborações, buscando compreender valores, significados e símbolos que permeiam as práticas vivenciadas e transformadas. (Rosa, 2007, p.198)

Justifica-se assim a importância de investigar as criações, usos, realizações e elaborações das festas para compreender os valores, significados e símbolos que estão presentes nessas práticas. Isso indica que as festas são uma forma de expressão cultural e que é possível entender muito sobre uma sociedade ao analisar as festas que ela celebra.

Enquanto patrimônio da cultura imaterial do Brasil, as festas juninas carregam em si aspectos que contribuem para o sentimento de pertencimento do povo, sendo um referencial importante da identidade da nossa sociedade, assim, como a Festa de São Pedro é para a população heliopoliense. De acordo com Leite, “(...) o patrimônio cultural imaterial é o patrimônio rico e diversificado, ao mesmo tempo vivo e tradicional, que se manifesta por meio de expressões e tradições orais, pelas artes performáticas, pelas práticas sociais, incluindo rituais e eventos festivos... (2011. p. 62).”.

A festa de São Pedro de Heliópolis pode ser considerada um patrimônio imaterial, por representar a identidade da comunidade local, e também por ser uma forma de expressão cultural que evoluiu e se adaptou ao longo dos anos, mas ao mesmo tempo mantém suas raízes e tradições. Isso significa que o patrimônio cultural imaterial é uma parte importante da identidade e da história de uma comunidade e que deve ser preservado e valorizado.

Nesse contexto, há uma variedade de lugares em que se realizam essas festas, entende-se, que são múltiplas as formas encontradas para festejar um tempo de muita alegria e criatividade, que é o ciclo junino (Santo Antônio, São João e São Pedro). Contudo, há uma diversidade de sentidos forjados pelas manifestações, entre o tempo da igreja (sagrado) e o tempo da rua (profano).

Para Rita Amaral,

O estudo de festas exige algumas definições e conceituações apriorísticas. Em primeiro lugar, e porque é seu fundamento principal, parece imprescindível saber qual é a intenção do evento: se nosso objeto é uma comemoração (rememoração coletiva de algo ou alguém), uma celebração (louvor, exaltação, aclamação), o cumprimento de um rito sagrado (compartilhando sistemas) ou outro tipo de acontecimento de caráter coletivo. (Amaral, 1998. p. 70)

Assim, faz-se essencial entender a intenção do evento para poder compreendê-lo adequadamente. Sendo também importante saber se o objeto de estudo é uma comemoração, uma celebração, um cumprimento de um rito sagrado ou outro tipo de evento coletivo. Isso significa que é importante estabelecer uma compreensão clara dos objetivos e propósitos da festa para poder entendê-la adequadamente e avaliar sua importância e significado.

Esse exercício de definição da festa proposto por Rita Amaral, é um dos primeiros passos a qual o presente estudo se dedicou, caracterizando a festa de São Pedro de Heliópolis/BA, como puramente profana, apesar de carregar consigo o nome de um santo católico e incorporar elementos simbólicos de representação do sagrado. Quanto a intenção da festa, enquanto um evento criado a partir da gestão municipal é notória a visão mercadológica e também a de ressignificação da cultura local.

Ainda segundo Amaral (pp.72), “para Durkheim (1968), as características principais de toda de festa são: 1) a superação das distâncias entre os indivíduos, 2) a produção de um estado de “efervescência coletiva” e 3) a transgressão das normas coletivas”. Nesse sentido, O São Pedro de Heliópolis, é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento.

Para Durkheim (1968), as festas criam um ambiente onde as pessoas se sentem mais próximas umas das outras, independentemente de suas diferenças sociais ou econômicas, criando no indivíduo um estado de excitação e entusiasmo coletivo, onde estes se sentem mais unidos e conectados uns aos outros. Nesse sentido, as festas também são capazes de promover a transgressão das normas e convenções sociais, criando um ambiente de liberdade e liberação. Essa transgressão das normas é importante para a saúde e a estabilidade da sociedade, pois permite que os indivíduos “renovem” suas relações com a sociedade e com os outros.

A dimensão e a extensão da rede social é o que garante o sucesso da festa. Esse aspecto grupal e identitário é o elemento que permite que essa festa seja considerada por muitos migrantes residentes nas grandes cidades (São Paulo, Rio de Janeiro), como a ocasião para um retorno às suas localidades de origem.

[...] pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta com veemência esta proposição. (Amaral, 1998. p. 74)

Compartilhando dessa mesma forma de interpretação das festas, Victor Turner (1974) diz que as festas são um meio importante para a construção e manutenção da ordem social e da coesão comunitária. Turner argumenta que as festas são "espaços sagrados" que servem como um meio para a comunidade se aproximar de suas crenças e valores fundamentais. Ele também acredita que as festas são uma forma de comunicação simbólica que ajuda a transmitir e perpetuar os valores culturais e as normas sociais. Em seu livro "O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura", Turner desenvolve a noção de "comunidade liminar" para explicar como as festas criam um espaço temporário e simbólico para a reflexão crítica sobre a ordem social estabelecida e a possibilidade de mudanças sociais.

A festa de São Pedro de Heliópolis, pode ser um exemplo de comunidade liminar, pois durante o evento, os participantes se reúnem para se divertirem. Eles se juntam em um ambiente de efervescência coletiva e acesso livre para desfrutar de comida, bebida, música e dança. As normas sociais convencionais são temporariamente suspensas, permitindo que os indivíduos se relacionem uns com os outros de maneira diferente das relações normais. As relações sociais são temporariamente redefinidas e as pessoas podem se conectar com os outros de maneira mais livre e espontânea.

Assim, a festa irá estabelecer a mediação por meio da aproximação entres os moradores da zona urbana, rural e de cidades circunvizinhas, entre rico e pobre, etc., em seu realizar. E é justamente através dessa função social que a festa adquire, que ela ressignifica a cultura local e regional. É a partir dessas referências complexas e dinâmicas, que se busca compreender as relações que os homens estabelecem entre si, de que maneira definem as instituições normatizadoras e, nesta medida, regem a organização da sociedade.

O teórico russo Mikhail Bakhtin, estudou esses festivais e destacou a importância de outro tipo de cultura, alheia às regras estéticas do classicismo, nas sociedades europeias. Durante esses festivais, entre os quais se incluía o carnaval, não havia relações sociais hierárquica e neles as pessoas podiam viver, momentaneamente, a experiência de uma sociedade sem distinções.

As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. E são precisamente esses momentos – nas formas concretas das diferentes festas – que criaram o clima típico da festa. (Bakhtin, 2010. p. 8)

Essas festividades de acordo com Bakhtin, são manifestações do que podemos chamar de cultura popular tradicional. Assim, entende-se que a festa de São Pedro é uma síntese da cultura nordestina, exprimindo em seu realizar a esperança, a fé desse povo, que por sua vez, é vivida de forma ambígua, pois, reúne elementos sagrados e profanos.

Victor Turner (1974) e Mikhail Bakhtin (2010), são dois pensadores que têm contribuições importantes para a compreensão das festas e festividades. Ambos destacam a importância das festividades como meio de expressão social e como elemento fundamental na construção da identidade.

Turner, em seus estudos sobre os rituais e as festas, destacou o conceito de comunidade liminar, onde as festividades são vistas como um espaço onde os indivíduos se unem temporariamente para celebrar e expressar sua identidade coletiva. Ele também destacou a importância da transgressão das normas sociais durante as festividades, permitindo a expressão de emoções e desejos reprimidos durante o resto do ano. A festa de São Pedro de Heliópolis Bahia, poderia ser entendida como um espaço liminar onde a comunidade se reúne para celebrar e expressar sua identidade religiosa e cultural.

Por outro lado, Bakhtin destaca a importância das festividades como espaço onde se expressam as vozes populares e as diferentes perspectivas sociais. Ele chama atenção para a importância das festas como espaço onde se expressam as vozes populares e as diferentes perspectivas sociais. Bakhtin também destaca a importância da carnavalização das festividades, onde os indivíduos se disfarçam e se expressam de forma livre e sem preconceitos. A festa de São Pedro de Heliópolis Bahia, pode ser vista como um espaço onde as diferentes vozes e perspectivas religiosas e culturais se expressam livremente, como por exemplo, nas danças e nas músicas populares.

[...] nos dias festivos, as portas da casa abrem-se de par em par aos convidados (no limite, a todos, ao mundo inteiro); nos dias de festa, tudo se distribui em profusão (alimentos, vestimentas, decoração dos cômodos), os desejos de felicidade de toda espécie subsistem ainda (mas perderam quase totalmente o seu valor ambivalente), da mesma forma que os votos, os jogos e os disfarces, o riso alegre, os gracejos, as danças, etc. A festa é isenta de todo sentido utilitário (é um repouso, uma trégua, etc.). (Bakhtin, 2010. p. 241)

Analisando a citação acima podemos perceber que, Bakhtin destaca que as festas representam um período de repouso e trégua da rotina diária, permitindo que as pessoas relaxem, se divirtam e desfrutem da companhia umas das outras. Além de que nos dias festivos a cidade e/ou o espaço de realização da festa se enche de alegria, onde a comunidade abre as

portas da casa aos convidados, indicando um gesto de acolhimento e hospitalidade. Além disso, menciona a generosidade que permeia esses dias festivos.

Em resumo, Turner e Bakhtin compartilham a visão das festividades como espaços importantes na construção da identidade coletiva e na expressão das diferentes perspectivas sociais. A festa de São Pedro de Heliópolis Bahia, é um exemplo de como essas festas podem ser vistas como espaços liminares onde a comunidade se reúne para celebrar e expressar sua identidade religiosa e cultural, e onde diferentes vozes e perspectivas se expressam livremente.

3.1 O rito e a relação sagrado e profano da Festa de São Pedro de Heliópolis

Como abordado no capítulo anterior, a construção da capela na Vila de Pau Comprido e a chegada da imagem do Sagrado Coração de Jesus, foram elementos importantes na formação da identidade local, uma vez que a religiosidade é característica marcante da cultura regional.

A construção de uma capela é uma forma importante de unir uma comunidade e construir o sentimento de pertencimento. Pois, passa a servir como um local central para a população heliopoliense, que passam a se reunir para fins religiosos e sociais. Além disso, as capelas e igrejas são vistas como símbolos importantes da comunidade e podem ser usadas para celebrar eventos importantes, como casamentos e batizados. O sentimento de pertencimento pode ser reforçado através da participação na comunidade religiosa, que frequentemente se reúne na capela ou igreja. Isso pode incluir a participação em serviços religiosos, eventos comunitários e atividades voluntárias.

Nesse contexto, é importante destacar que o santo padroeiro da cidade de Heliópolis/BA é o Sagrado Coração de Jesus, e não São Pedro como muitos imaginam, quando ouvem falar da Festa.

São Pedro, que na realidade se chama Simão recebeu de Jesus o nome de Cefas que significa pedra em aramaico, portanto Pedro. Ele foi considerado o primeiro papa da Igreja Católica, além de santo 'chaveiro do céu', responsável pelas chaves do paraíso. Discípulo de Jesus, Pedro o acompanhou durante sua jornada e foi condenado e executado no ano 64 pelo Imperador Nero. Em princípio, foi crucificado na cruz, mas de cabeça para baixo, por conta de não se julgar à altura de morrer como Jesus Cristo. (Toneto, 2019. p.23)

São Pedro é o santo católico, considerado pelos fiéis o santo que controla o tempo, na região nordeste, essa devoção é mantida há vários séculos, principalmente por trabalhadores rurais que necessitam de situações climáticas favoráveis para a garantia de uma colheita farta.

Cabe ressaltar que as festas juninas, estão associadas ao mundo rural, com características caipiras. Embora essa festa tenha começado aqui no Brasil, ela veio da Europa com características diferentes das que possuem hoje.

Na fala do padre João Bosco Maranduba⁸, “Jesus ao escolher São Pedro, ele disse tu és Pedro e sobre te eu edificarei a minha igreja, eu te darei a chave do reino do céu. Por isso, São Pedro traz em sua mão duas chaves, um dourada outra prateada, essas duas chaves, o nosso povo na sua devoção associou a chave dourada ao céu e a prateada a terra.”, observe na imagem abaixo.

Figura 08. Imagem de São Pedro.



Fonte: Tribuna de Ituverava.

A imagem de São Pedro é frequentemente representada como um homem velho, de barba e cabelos brancos, com uma chave na mão, simbolizando sua posição como guardião das chaves do paraíso. Ele é também frequentemente retratado com um anel papal, simbolizando sua liderança na Igreja Católica. As comemorações a São Pedro têm início com o solstício⁹ de inverno, neste período uma parte da terra é menos iluminada pelos raios solares dando origem a dias mais curtos e noites mais longas. Na região nordeste, este é o período propício para o chamado cultivo de inverno.

As representações sociais sobre a imagem de São Pedro no Nordeste do Brasil variam de acordo com as tradições e crenças regionais. Em algumas comunidades, São Pedro é

⁸ Padre da Paroquia do Sagrado Coração de Jesus em Heliópolis/BA.

⁹ Fenômeno astronômico que marca o início do inverno.

associado ao inverno e à chuva, sendo considerado como o santo responsável por uma estação de plantio favorável e um inverno prospero. Isso decorre do fato de que o período de inverno é crucial para a agricultura na região, já que é quando as chuvas são mais intensas e as plantações são regadas. Dessa forma, muitas comunidades acreditam que São Pedro é o protetor das colheitas e que sua imagem deve ser reverenciada para garantir um inverno bem-sucedido. Além disso, também é comum a relação entre São Pedro e a proteção dos pescadores e marinheiros, e com a proteção das chaves, das portas e das casas.

O início dos festejos juninos coincide em algumas cidades do interior com o solstício de inverno no Hemisfério Sul. Isso porque, em outras cidades os festejos juninos iniciam no dia 01 de junho e se estende até o último dia do mês. É comum no dia 29 de junho, dia em que é comemorado o dia de São Pedro, as viúvas (os), ascenderem uma fogueira em homenagem ao santo. O que coloca essa prática como um ritual, para todos aqueles que são devotos do santo, a ser realizado anualmente. Para Durkheim os ritos são “(...) um conjunto de cerimônias que se propõem unicamente redespertar certas ideias e certos sentimentos, ligar o presente ao passado, o indivíduo à coletividade (1996, p.412-413)”. A prática de homenagear São Pedro com uma fogueira é um exemplo de como os rituais têm o poder de unir as pessoas e manter as tradições vivas.

Independentemente do foco, tipo ou função da festa, está relaciona-se ao contexto social e na dinâmica cultural. A sua relevância cultural permite às pessoas articularem a sua identidade e afirmarem-se como pertencentes a uma determinada comunidade, sociedade e/ou nação. De acordo com Camilo, “(...) quando uma pessoa se identifica com as práticas e os dogmas estabelecidos por uma religião e as coloca como norte da sua vida, essa pessoa estará assumindo comportamentos e atitudes comuns ao grupo com o qual houve identificação (2017. p. 324).”

As festas católicas (missas, procissões, peregrinação, romarias), contextualizam-se com o sentido de renovação do compromisso com a divindade, celebração pelas graças alcançadas na vida. A realização anual dessas festas, fazem com que estas se tornem uma tradição, que em seu realizar irá possuir um rito, que foi historicamente construído.

O mesmo ocorre, com as festas ditas profanas, que ao invés da renovação do compromisso com a divindade, realiza-se a reafirmação com a identidade cultural. A festa de São Pedro, apesar de receber o nome de um santo católico, pouco tem a ver com os festejos que são realizados pela igreja católica. A festa de São Pedro de Heliópolis, surge como um evento lúdico para criar no calendário municipal uma data festiva que movimentasse a cidade, atraindo aos olhares da população das cidades circunvizinhas, para a recém emancipada cidade.

No calendário municipal, a festa de São Pedro começa a ser realizada dias após o ciclo novenário do Sagrado Coração de Jesus, que geralmente ocorria entre o início e meados do mês de junho, coincidindo assim, com o período junino. A realização do novenário do Sagrado Coração de Jesus e a Festa de São Pedro é um exemplo de como as tradições religiosas e profanas podem se misturar e influenciar uma na outra.

No caso do novenário do Sagrado Coração de Jesus, que é uma tradição religiosa católica que consiste em uma série de nove dias de oração e devoção ao Sagrado Coração de Jesus, onde no último dia é realizado uma procissão pelas principais ruas da cidade em homenagem ao santo. Por outro lado, a Festa de São Pedro é uma celebração profana que utiliza o nome do santo católico como uma forma de homenagear a comunidade local e construir uma identidade cultural própria.

As festas são manifestações da cultura popular que expressam as tradições de um povo. O Carnaval, o São João, o São Pedro, as festas de padroeira, as festas de vaquejada, etc. e tantas outras festas que são representações da nossa nordestinidade, da nossa brasilidade.

A festa aparece como uma necessidade do homem de apropriar-se do tempo no espaço, mas se transforma também num fato político, como criação retórica e legítima do homem. Em suas características, é retórica porque se insere como uma profanação do tempo do trabalho e da instituição social. Como celebração é sobretudo uma subversão do tempo do cotidiano, como se este fosse substituído por um momento do alegórico. Propicia o rompimento com o tempo do cotidiano, ao possibilitar a passagem do universo da monotonia da vida ordinária para o do simbólico. (Itani, 2003, p.37)

A citação acima destaca a ideia de que a festa de São Pedro é uma necessidade para o homem de apropriar-se do tempo e do espaço. Ela também é vista como um fato político, pois é uma criação retórica e legítima do homem. A festa é retórica porque se insere como uma profanação do tempo do trabalho e da instituição social. Como celebração, ela é sobretudo uma subversão do tempo do cotidiano, pois permite a passagem do universo da monotonia da vida ordinária para o do simbólico. Isso faz com que a festa propicie o rompimento com o tempo do cotidiano e permita a passagem para o universo simbólico.

Tais festas são, na verdade, espaço não só de comemorações, mas também de socialização, trocas culturais, lugares de memória, jogos de poder, visto permear uma série de questões que fazem parte do estudo das festas, enquanto objeto de pesquisa acadêmica. Nesse sentido, existem várias dimensões importantes a serem analisadas, no que se refere as festas, que vão além da questão simbólica, a organização política local e a construção de ações sociais são modelos que também merecem destaque.

A festa de São Pedro de Heliópolis/BA, começa a ser realizada no ano de 1987, dois anos após a cidade ter conquistado sua emancipação. Ela surge da vontade do então gestor municipal José Emídio Tavares de Almeida¹⁰, que a princípio, tinha em mente realizar uma micareta com trio elétrico, equiparando o evento ao carnaval de Salvador, porém, em diálogo com o professor Landisvalth Lima¹¹, chegaram à conclusão que tal evento fugiria o contexto da cultura local e que também a cidade não possuía estrutura.

Diante disso, Landisvalth sugeriu que fosse realizada, uma festa que valorizasse as raízes da cultura local e regional, ligando o sagrado e o profano, já que a religião é característica marcante nas cidades do interior. Foi aí que decidiram, que a festa homenagearia São Pedro, um dos santos da tríade junina, ou seja, Santo Antônio, São João e São Pedro.

3.2 A festa e a identidade cultural do município

O processo de criação da festa, está relacionado tanto a propagação / ressignificação da cultura local e regional, quanto aos interesses pessoais do prefeito, onde o mesmo impõe no calendário municipal um evento, que alimentaria a economia desta cidade gerando emprego mesmo que temporário, tornando-se assim, um empreendimento econômico e mercadológico.

Nesse contexto, fica perceptível que a festa de São Pedro de Heliópolis/BA, não foi um evento pensado e idealizado pelos próprios moradores da cidade, mas sim pelo então prefeito José Emídio Tavares de Almeida, popularmente conhecido como Zé do Sertão. A festa irá surgir da vontade de alguém, para produzir efeitos sobre uma coletividade, uma vez que ela passa a representar a identidade do município.

A criação de eventos no calendário municipal por parte do poder público pode ter uma série de implicações na construção da identidade local. A partir da perspectiva histórica, eventos como esses podem ser vistos como uma forma de construir uma narrativa coletiva sobre a história e a cultura da comunidade. Isso pode incluir eventos como comemorações de aniversários históricos, celebrações de heróis locais e outras celebrações que celebram a história e a cultura da comunidade.

A partir da perspectiva sociológica, esses eventos criados no calendário municipal podem ser vistos como uma forma de criar e reforçar laços sociais entre os membros da

¹⁰ Primeiro prefeito eleito da cidade de Heliópolis/BA, em 1985.

¹¹ Professor de língua portuguesa, escritor, jornalista e foi o primeiro locutor da festa de São Pedro.

comunidade. Isso pode incluir eventos como festivais, desfiles e outras manifestações culturais que promovem a interação social entre os moradores da comunidade.

Já dentro da perspectiva antropológica, esses eventos podem ser vistos como uma forma de preservar e transmitir as tradições e a cultura da comunidade. Isso pode incluir manifestações como celebrações de festividades religiosas, celebrações de rituais de passagem e outras celebrações que transmitem as tradições e a cultura da comunidade.

Em resumo, a criação de eventos no calendário municipal por parte do poder público pode ter uma série de implicações na construção da identidade local. A partir da perspectiva histórica, sociológica e antropológica, esses eventos podem ser vistos como uma forma de construir uma narrativa coletiva sobre a história e a cultura da comunidade, criar e reforçar laços sociais, e preservar e transmitir as tradições e a cultura da comunidade.

Nesse contexto, a ideia de criar uma festa por parte do então gestor municipal José Emídio Tavares de Almeida, coloca em questão a necessidade de inserir no calendário municipal um evento que enaltecesse a identidade e a cultura regional e local, tendo a capacidade de ativar os organismos de participação social.

As identidades são justamente, versões, discursos construídos sobre como é essa festa, passando a representar um grupo. Mas, também pode ser compreendida como um evento que serviria para promover a imagem do prefeito, que ficaria conhecido como Zé do Sertão justamente por realizar alguns trabalhos de valorização da cultura nordestina, a exemplo da festa de São Pedro, que é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento. A dimensão e a extensão da rede social é o que garante o sucesso da festa. Esse aspecto grupal e identitário é o elemento que permite que essa festa seja considerada por muitos migrantes residentes nas grandes cidades como a ocasião para um retorno às suas localidades de origem.

As tradições são desenvolvidas naturalmente, ao longo dos anos, por meio da relação entre os indivíduos com os saberes e fazeres. Outras vezes, no entanto, as tradições são deliberadamente elaboradas, inclusive de forma institucionalizada, por governos e Estados, como é o caso da festa de São Pedro de Heliópolis.

As tradições são, na perspectiva do historiador Eric Hobsbawm, relacionadas a um conjunto de práticas, ritualizadas ou simbólicas, que tem como objetivo reforçar valores e comportamentos pela prática da repetição e por uma suposta ligação com o passado. E o passado não precisa ser tão remoto. Há casos em que a tradição, por mais antiga que possa parecer, foi construída sobre bases relativamente recentes em termos históricos.

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventada, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil, de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.” (Hobsbawm, 2021 p. 7)

A Festa de São Pedro, é um exemplo de como o conceito de "tradição inventada" de Eric Hobsbawm pode ser aplicado às festas populares. Embora a festa tenha suas raízes nas celebrações religiosas do santo católico São Pedro, ela é hoje predominantemente profana em sua realização. A festa é celebrada anualmente na cidade de Heliópolis, e é um dos principais eventos culturais da região. Ela inclui uma série de atividades, como desfiles de blocos, concursos de quadrilhas, e shows musicais. A festa é uma mistura de tradição, cultura e religião, e é uma das maiores festas populares da região.

O conceito de "tradição inventada" de Hobsbawm sugere que essa festa foi "inventada" para atender às necessidades e objetivos presentes. A festa foi moldada e adaptada ao longo do tempo para se adequar às necessidades e interesses da comunidade local. Ao longo do tempo, a festa se transformou em um evento cultural, com uma forte componente de entretenimento, como desfiles de blocos e shows musicais.

Para Hobsbawm, as tradições são dinâmicas e podem mudar com o tempo para se adequar às necessidades e interesses dos grupos sociais que as usam. Ele argumenta que as tradições são criadas, modificadas ou desaparecem de acordo com as necessidades das sociedades, e que as tradições são usadas como uma forma de dar continuidade ao passado e dar sentido ao presente.

Nesse sentido, as tradições são construídas e moldadas pelo poder político e econômico e servem para justificar ações e ideologias, como é o caso da festa de São Pedro de Heliópolis, especialmente no contexto da formação do município independente e que precisa construir uma identidade cultural própria.

O poder público, por meio da criação de eventos, pode fomentar a construção de uma identidade coletiva, promover a integração social e a coesão comunitária. Além disso, a festa pode ser usada como mecanismo para a promoção do turismo e do desenvolvimento econômico local, através da atração de turistas e investimentos.

No caso específico da Festa de São Pedro de Heliópolis, é possível observar a criação de uma tradição inventada, como mencionado anteriormente, para atender às necessidades e objetivos presentes. A festa foi moldada e adaptada ao longo do tempo para se adequar às

necessidades e interesses da comunidade local e construir uma identidade cultural própria para o município.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (Hall, 2006. p. 7)

Para Stuart Hall, a identidade cultural na pós-modernidade é caracterizada pela fragmentação, hibridismo e multiplicidade. Isso significa que a identidade não é mais uma coisa fixa e estável, mas sim dinâmica e mutável. A identidade é construída a partir de diferentes elementos culturais e suas relações de poder. De acordo com Hall, as identidades tradicionais eram vistas como fixas e estáveis, e eram construídas a partir de elementos como raça, gênero, classe social e nacionalidade. Essas identidades eram transmitidas de geração em geração e eram consideradas como dadas e naturais.

No entanto, na pós-modernidade, essas velhas identidades estão em declínio, devido aos processos de globalização e ao surgimento de novas formas de comunicação e tecnologia. Isso tem levado a uma fragmentação das identidades e ao surgimento de novas identidades que são mais flexíveis e mutáveis.

A fragmentação das identidades também está relacionada à forma como as pessoas se relacionam com o mundo social e como elas se veem a si mesmas. O indivíduo moderno não é mais visto como um sujeito unificado, mas sim como um sujeito fragmentado, composto por múltiplas identidades que se relacionam entre si.

No contexto da criação do evento de São Pedro de Heliópolis, por parte do poder público, pode-se observar essa construção dinâmica e mutável da identidade cultural. A festa é criada a partir de elementos culturais e simbólicos que se relacionam com a comunidade local e seus interesses. A festa é moldada e adaptada ao longo do tempo para se adequar às necessidades e interesses da comunidade local e construir uma identidade cultural própria para o município.

A festa também pode ser vista como um híbrido cultural, já que é formada por diferentes elementos culturais e simbólicos, tanto locais quanto externos, que se misturam e se relacionam entre si. Esses elementos também podem ser influenciados pelo poder público e pelas relações de poder existentes na sociedade.

O São Pedro de Heliópolis/BA é um espaço de sociabilidade, conflitos, na qual, ocorre uma transmissão de valores. Em um contexto regional, hoje, as festas juninas se tornaram tão importantes quanto o carnaval, dentro da categoria dos festejos populares mais conhecidos tanto

no Brasil quanto em outros países, mas é na região Nordeste do país, que os festejos juninos ganham grandes proporções. Diante disso, podemos destacar o grande esforço que é para essas festas principalmente as de município de interior como é o caso da festa aqui estudada, de manter com a tradição.

Neste cenário, denota-se um conflito entre tradição e modernidade, em que a festa ao mesmo tempo que precisa manter a tradição, precisa se modernizar para assim atrair outros públicos. Segundo Eric Hobsbawm, (1997, p. 14) “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.” Assim, a festa de São Pedro de Heliópolis torna-se um exemplo vívido da invenção de tradições descrita por Eric Hobsbawm. Onde, ao longo dos anos, esse evento foi sistematicamente formalizado, sendo realizado anualmente e que representa a identidade cultural e social da comunidade.

Corroborando com esta linha de pensamento Stuart Hall diz que:

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Está é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”. [...] A modernidade, em contraste, não é definida como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida. (Hall, 2006, p. 14-15)

A festa de São Pedro de Heliópolis pode ser vista como um exemplo desse processo de construção de novas identidades. A criação da festa pelo poder público, como uma forma de construir uma identidade cultural própria para o município, pode ser vista como uma forma de lidar com as mudanças constantes e rápidas da sociedade moderna. A festa é uma forma de criar uma tradição inventada, que pode ajudar a dar sentido e estabilidade às novas identidades que estão sendo criadas. Ao mesmo tempo, a festa também reflete a reflexividade da modernidade, já que é criada intencionalmente pelo poder público com o objetivo de construir uma identidade cultural para o município.

Nessa perspectiva, o fato de a festa de São Pedro de Heliópolis, estar em sua trigésima segunda edição, podemos dizer que ela é uma tradição, que contribui para a afirmação da identidade local, e que vem se readaptado a atual conjuntura sociocultural, sem perder sua essência inicial, mesmo após a junção de novos elementos que são característicos do processo de modernização (luz de LED, fumaça artificial, telões, novos ritmos musicais etc.), entre outros elementos.

Segundo Néstor García Canclini, “A homogeneização dos padrões culturais e o peso alcançado pelos conflitos entre sistemas simbólicos colocam em questão uma série de

pressupostos e de diferenças [...]” (1983. p. 51). Essa mistura cultural que compõe o espaço da tradicional festa de São Pedro, contribui para que a mesma possa acontecer e se perpetuar, trazendo a cada edição novos elementos, que unem sagrado e profano.

Nestor Garcia Canclini e Stuart Hall desenvolveram a ideia de que as identidades culturais são construídas e moldadas por condições históricas, sociais e políticas. Ambos argumentam que a identidade não é uma coisa fixa, mas sim algo que está em constante evolução e transformação. Canclini enfatiza a importância da hibridização cultural e da interação entre diferentes grupos sociais, enquanto Hall destaca a influência da mídia e da política na construção da identidade.

No contexto de Heliópolis, é possível ver como a criação de uma festa, como o São Pedro, por parte do poder público, pode ser entendida como uma forma de construir uma identidade cultural para o município. A festa se torna uma tradição, que pode ser vista como uma forma de estabelecer a continuidade e a permanência em meio a mudanças e misturas.

Segundo Canclini, essa festa seria um exemplo de hibridação cultural, pois ela é criada e moldada por diferentes influências sociais e culturais do município, e representa uma mistura de elementos tradicionais e modernos. Por outro lado, segundo Hall, essa festa é uma forma de reflexão sobre a identidade, pois o poder público estaria se gestando sobre quem somos e que queremos representar como município, e como é possível criar algo que simbolize essa identidade. A criação do São Pedro, como uma tradição inventada, é uma forma de construir a continuidade e a estabilidade na sociedade moderna e em constante mudança.

Neste sentido, a festa é um espaço que reúne pessoas das mais variadas classes sociais. E de acordo com Canclini, nesse processo de homogeneização cultural, “são derrubados estereótipos estéticos como os que separavam a arte “cultura”, a arte “de massas” e o popular. Estes três sistemas de representação funcionavam com bastante independência, sendo que cada um correspondia a classes sociais distintas” (1983. p. 51). Assim, as festas passam a ser populares por atrair um público diversificado, ou seja, rico, pobre, etc.

A festa é um importante mecanismo de propagação de cultura, está que vem se “adaptando” ao processo de globalização. Diante desse quadro, a construção da teia de signos e significados sobre essa manifestação cultural que é o São Pedro de Heliópolis, parte do ideário de que é por meio da realização desse festejo que a comunidade local tem as suas práticas socioculturais reinventadas, aos novos modos de “festejar”.

A cultura está intrinsicamente relacionada às relações de poder na sociedade, já que o poder é um elemento de ordenamento social, que designa a capacidade de produção de efeito,

força e/ou ação de um indivíduo sobre outro, por exemplo. O poder irá influenciar intencionalmente uma pessoa ou grupo, sobre as condutas dos indivíduos e/ou coletividade.

Nesse contexto, a festa pode ser compreendida como um espetáculo, onde o palco e os sujeitos irão desempenhar papéis diferentes, que variam de acordo com sua relação com o núcleo central do evento, que pode ser por meio do seu papel político, cultural, sagrado, social-econômico e seu papel de regulação social e territorial.

Hoje uma festa para ser boa precisa ter bebida alcoólica, paquera e principalmente, bons shows, que agradem ao público.

Nesse contexto, percebe-se que a festa de São Pedro, foi criada pelo poder público com o viés mercantil, turístico, mas, apesar de ter sido criada para esse fim, ela acaba tornando um evento que irá representar a identidade cultural do município de Heliópolis: “[...] as festas são acontecimentos coletivos enraizados na sua vida produtiva, celebrações fixadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou o calendário religioso, onde a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz através da participação coletiva da família.” (Canclini, 1983. p. 116)

Ainda de acordo com (Canclini. 1983):

Nas cidades, a existência da divisão entre as classes, de outras relações familiares, o maior desenvolvimento técnico e mercantil voltado para o lazer, a organização da comunicação social que apresenta um caráter massivo cria uma festividade que é distinta. À maioria das festas as pessoas vão individualmente, são feitas em datas arbitrárias, e, quando se adere ao calendário eclesiástico, a estrutura segue uma lógica mercantil que transforma o motivo religioso num pretexto; ao invés da participação comunitária, é proposto um espetáculo para ser admirado. (Canclini, 1983. p. 112)

A citação acima, de Néstor Garcia Canclini, discute a relação entre as festas realizadas nas cidades e as festividades tradicionais. Ele argumenta que, devido à divisão de classes, relações familiares diferentes, o maior desenvolvimento técnico e mercantil voltado para o lazer e a organização da comunicação social, as festividades nas cidades são distintas das festas tradicionais. Canclini afirma que, nas cidades, as pessoas frequentemente vão às festas individualmente, elas são realizadas em datas arbitrárias e, quando se aderem ao calendário eclesiástico, a estrutura segue uma lógica mercantil que transforma o motivo religioso em um pretexto. Em vez da participação comunitária, é proposto um espetáculo para ser admirado.

No caso específico da Festa de São Pedro de Heliópolis que é um evento puramente profano, mas carrega uma simbologia religiosa em seu realizar, em que a Igreja pode ter um papel importante na organização da festa, mas a festa por ser em sua plenitude profana pode ser realizada independentemente da Igreja, ou seja, pelo poder público local.

A Festa de São Pedro de Heliópolis pode ser vista como um elemento importante na construção da identidade local. A festa pode ajudar a unir a comunidade e a transmitir valores e tradições locais de geração em geração. No entanto, é importante levar em consideração as observações de Canclini sobre como a festa pode ser afetada pela divisão de classes, relações familiares e organização da comunicação social. A festa pode ser usada como um meio para explorar e explorar esses aspectos da sociedade.

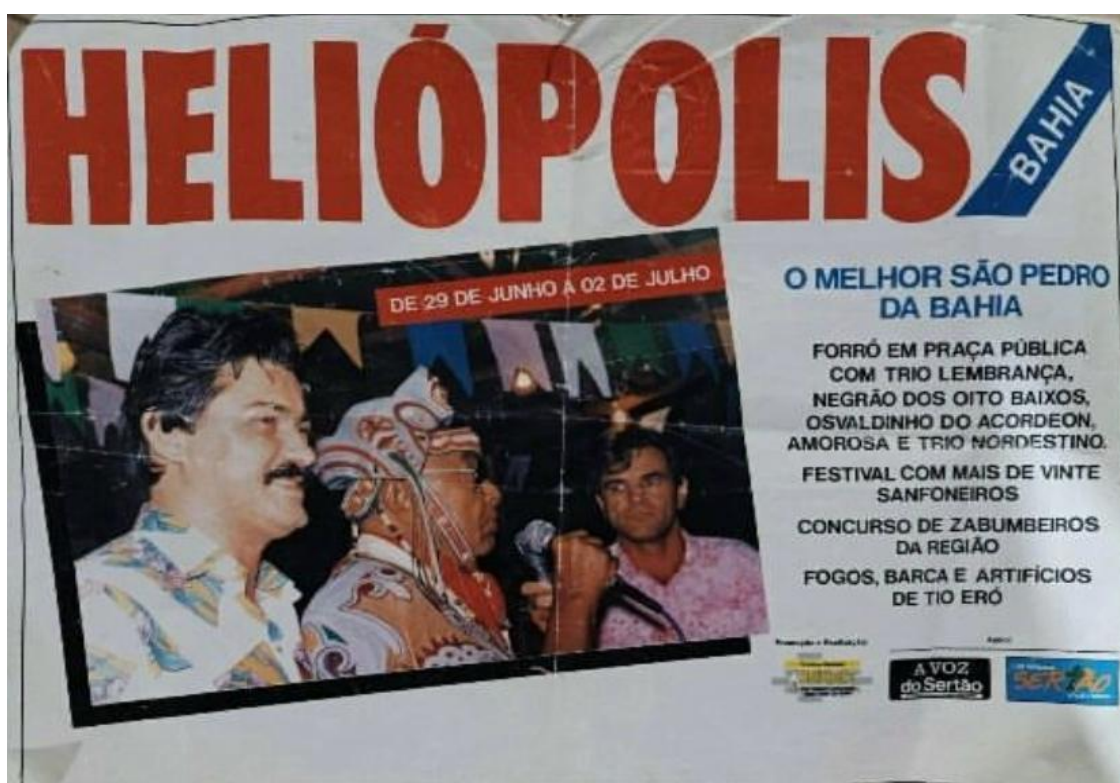
Uma forma de representar os grupos sociais está associada ao poder, que de acordo com Michel Foucault, “[...] “poder” designa relações entre “parceiros” (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas - e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade - um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras).” (Foucault, 1999. p. 240). Assim, o feixe de poderes que emanam da festa, passa a fazer parte dos conflitos que permeiam o processo organizativo do festejo onde, nota-se as ações do “eu” para com o “outro”.

Em resumo, a relação entre a Igreja, Festa e Municipalidade pode ser vista como uma colaboração para garantir a realização da festa de São Pedro em Heliópolis, na Bahia, com cada instituição desempenhando papéis específicos e importantes, a Igreja como responsável pelo aspecto religioso e a municipalidade por garantir a segurança e a ordem pública, além de promover e difundir a festa. A simbologia religiosa presente na festa pode ser vista como um elemento importante na construção da identidade local.

4. CAPÍTULO III - TEMPOS DE FESTEJAR

A festa de São Pedro de Heliópolis/BA, desde o início de sua primeira edição em 1987, vinha sendo festejada durante três dias de um final de semana (Sexta, Sábado e Domingo) que antecedia e/ou sucedia a data de comemoração ao santo católico São Pedro, que é celebrado no dia 29 de junho, como podemos perceber na imagem abaixo, que traz uma manchete do jornal “A voz do Sertão”, falando sobre a festa de São Pedro, destacando o mesmo como “O melhor São Pedro da Bahia” e divulgando as atrações da festa e uma série de programações além dos shows musicais. Porém, com o decorrer dos anos, a festa foi passando por diversas transformações, desde aquelas ligadas a estrutura, como também a quantidade de dias.

Figura 09 - Matéria do jornal “A voz do Sertão”, editado pelo professor Landisvalth Lima.



Fonte: Fotografia autoral.

No ano de 1990, teve início nos principais povoados (Cajazeira, Farmácia, Massaranduba, Riacho, Tijuco) de Heliópolis, o famoso São João na roça organizados pela prefeitura municipal, esse, antecedia a realização da festa, passando a funcionar como um “esquenta”, na qual, ascendia o espírito festeiro do povo heliopoliense, que contava com apresentações de quadrilhas, competição de casal caipira, casamento caipira, concurso de

sanfoneiro e zabumbeiros como podemos notar na imagem acima, além de festival de literatura de cordel que acontecia tanto nas escolas dos povoados como nas da sede, sendo que os alunos vencedores eram convidados a recitar o seu cordel na praça de evento e eram premiados.

Figura 10: Casamento caipira, realizado na festa de São Pedro no ano de 1993.



Fonte: Acervo pessoal de José Emidio Tavares de Almeida.

Na fotografia acima podemos observar as vestimentas da época, como era organizado o casamento caipira, é possível ver que também crianças participavam das brincadeiras, pois era uma festa que acontecia durante o dia e ia até o sol raiar, com diversas atividades como já mencionado.

4.1 O re-inventar da tradição: entre mudanças e permanências

O circuito das festas brasileiras em consonância com o processo de modernização no qual se internalizam, com a esfera cultural, do mercado e da prestação de serviços de lazer, constituem-se como segmentos de práticas simbólica no contexto urbano e também rural. Esse circuito de festas regionais na contemporaneidade passou a ser entendido como um local de turismo, pois costumam receber pessoas de diferentes regiões do país no período festivo.

Nesse contexto, as festas populares tornaram-se eventos turísticos entendidas como peças de entretenimento cosmopolita e núcleos das agendas do turismo cultural, componentes importantes para o desenvolvimento regional. O município de Heliópolis/BA, como já foi mencionado anteriormente apresenta diferentes formas de manifestações culturais, ligadas a culinária, religiosidade, danças e festejos de uma forma geral que constituem-se como elemento formador da cultura e identidade do povo heliopoliense.

A ideia de que a cultura é um veículo poderoso para a preservação e comunicação do patrimônio cultural de uma sociedade. Segundo Azevedo (2008, p.108) “[...] as manifestações culturais constituem um canal autêntico de difusão de histórias de vida, valores, crenças, costumes e ideias de uma comunidade, várias seriam as formas de expressão cultural, incluindo a música, a literatura, a dança, a festa religiosa e outros rituais’.

Nesse contexto, enquanto algumas dessas expressões podem ser baseadas em práticas culturais enraizadas e autênticas, outras podem ter sido influenciadas por elementos externos ou mesmo reimaginadas para atender às necessidades contemporâneas, como é o caso da Festa de São Pedro, que vem se reinventando cada dia mais. A "invenção" de certas tradições ou a adaptação de antigas tradições para atender a novos contextos também pode ser vista como uma forma de preservar e fortalecer a identidade cultural.

Assim, faz-se necessário estabelecer a diferença entre a tradição e o costume, pois, para o historiador Eric J. Hobsbawm,

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (Hobsbawm, 2021. p. 8).

A discussão aponta para a ideia de que as tradições, mesmo as inventadas, são caracterizadas por sua invariabilidade, ancorada em práticas fixas que frequentemente envolvem repetição. No caso da Festa de São Pedro, essa celebração anual representa um aspecto cultural que persiste ao longo do tempo, mantendo certos rituais e elementos que contribuem para a sua identidade, como por exemplo, a ornamentação do calçadão e das ruas da cidade no período festivo, reforçando a ligação da comunidade com sua herança cultural.

Podemos entender que os costumes são mais maleáveis e sujeitos a mudanças, refletindo as transformações sociais e culturais de uma comunidade. Por outro lado, as tradições tendem a se agarrar a um passado, real ou imaginado, para manter uma continuidade cultural.

A Festa de São Pedro de Heliópolis, portanto, se revela uma tradição que trouxe para o município uma particularidade especial e acrescida a isso as comunidades resgatam seus valores

de povo sertanejo, que traz em si a esperança e o fortalecimento da cultura, da memória histórica e preservação dos costumes sem ser vistos como resíduos anacrônicos.

Nesse sentido, a formação da identidade municipal em torno da festa, ocorre, por meio de formas de apropriação para a vida, que originam formas que são estabelecidas pelos sujeitos. Como por exemplo, no preparo das casas para o período festivo, onde boa parte do povo heliopoliense costumam reformarem os seus imóveis para recepcionar familiares e amigos. Guarda em si o movimento da vida, enquanto dimensão do espaço-tempo, passado e presente, portanto, a Comunicação do/sobre o lugar tende a trazer em si o nominalismo. (Castrogiovanni, 2004. p. 32).

A festa é considerada como um reflexo do movimento da vida, abrangendo tanto aspectos temporais quanto espaciais, conectando o passado e o presente. Como resultado, a comunicação que envolve o lugar e a festa tem a tendência de incorporar o aspecto do nome ou da nomenclatura, possivelmente enfatizando a identidade e a representação simbólica do local através da festividade de São Pedro de Heliópolis.

Corroborando para a discussão, Del Priore (1994) destaca que a festa enquanto “produto turístico, movimenta os meios de comunicação, a economia local e ganha espaço na mídia, chegando a atingir o status de evento oficial do Estado, da organização social e fato político, religioso ou simbólico”. Para Trigueiro (2007, p.108) “[...] a festa é parte essencial da sociedade porque através dela que se organizam e divulgam as suas culturas e as suas memórias[...]”.

Cientes que esta festividade está intrinsecamente ligada ao referido município, o cerne deste capítulo é verificar os motivos pelos quais a tradicional festa de São Pedro da cidade de Heliópolis, tenha se sustentado mesmo com tantas mudanças na sua forma de execução e apresentação nos referidos anos de 1987 a 2005. Pode-se acrescentar a este, a possibilidade de demonstrar como acontecia a dinâmica da festa nos primeiros anos de criação, traçando um paralelo ao período supracitado e ainda a tentativa de re-tradicionalização.

Em entrevista com o professor Landisvalth Lima, onde questionei o mesmo sobre o que ele estava achando da realização da festa de São Pedro nas últimas edições? Podemos notar na fala dele que há uma perda das origens culturais do festejo.

Hoje tudo está diferente. Não sou saudosista, olho para o futuro, só que não vejo como esta festa sobreviverá. Ela está dançando conforme os modismos e não vai muito longe. Não quero dizer também que está um horror. Não é isso, o fato é que virou uma festa comum. Quase nada tem mais a ver com o São Pedro. É uma repetição de tantas outras festas de modismos apelativos. E tem

muita gente exatamente porque é modismo. Acho que os organizadores não estão preocupados com inovações, mas com publicidade. (Lima, 2021)

Não diria que a festa de São Pedro perdeu a sua originalidade, mas sim, que ela passou por um processo de mudanças, já que as relações sociais que estão atreladas a manifestação cultural, não são mais as mesmas, ou seja, as formas pelas quais os indivíduos ligam-se uns aos outros, se modificaram. E não foi só as relações sociais que mudaram, mas a cidade enquanto espaço de sociabilidade.

Mencionei acima que nas tardes da festa de São Pedro eram realizadas apresentações culturais diversas, hoje não mais se realizam essas apresentações, pois, o concurso de quadrilha, a competição de casal caipira, entre outros, perderam lugar para os sons de paredão, onde se concentram boa parte dos jovens.

O enfraquecimento das suas estruturas e das suas estruturas e das suas cerimônias antigas, a substituição, complementação ou refuncionalização através de agentes “modernos” são dramatizados na hibridez da festa. As mudanças nas danças e na decoração, a sua convivência com espetáculos e diversões urbanos, nos mostram a imposição dos dominadores, ao mesmo tempo que também são tentativas de reagir sobre elas, de vincular o passado às contradições do presente. (Canlini, 1983. p. 128)

Neste sentido, a história enquanto ciência usa a memória para resgatar aspectos do passado, reunindo, verificando e interpretando as várias memórias (individual, coletiva, nacional), tentando completar suas lacunas, escapar de suas armadilhas e até entender o significado dos esquecimentos e das distorções. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (Le Goff, 1990. p. 477).

A tradicional festa de São Pedro de Heliópolis, na Bahia, representa um elo profundo com a identidade e a memória do povo dessa comunidade. Nas palavras de Jacques Le Goff, a memória é um elemento essencial para a construção da identidade, tanto individual quanto coletiva. Essa festa, que é passada de geração em geração, carrega consigo um legado cultural e histórico que conecta os habitantes da cidade com suas raízes, tradições e ancestralidade. É um evento que vai além do presente, atravessando o tempo e servindo como um ponto de referência para reafirmar a coesão social e a identidade comunitária.

Nesse contexto, a festa ela não perde a sua tradição ao passar por um processo de mudanças necessárias para que se permaneça viva. Ao celebrar São Pedro, as pessoas

fortalecem os laços que as unem como membros de uma comunidade que compartilha um passado comum.

No contexto atual, em que a sociedade está imersa em uma realidade acelerada e muitas vezes angustiante, a busca pela memória e a valorização das tradições tornam-se ainda mais significativas. Assim, a festa de São Pedro de Heliópolis se torna um símbolo poderoso da importância da memória e da identidade. “Com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não”. (Carvalho, 2007, p. 66).

Para validar as informações supracitadas, cabe fazer referência aos trechos colhidos por meio de entrevistas realizados a alguns participantes da festa:

Alaelson Correia dos Santos conhecido como Alaelson do Acordeon, sanfoneiro desde que Heliópolis passou a realizar as festas de São Pedro ressalta que o povo que vinha de fora sempre retornava, pois não havia violência.

“O povo de fora que vinha pra cidade de Heliópolis [...] ficava admirado por que o São Pedro de Heliópolis foi sempre uma tradição famosa porque, nunca teve briga delegado nunca teve trabalho porque era uma festa que dançavam agarrados, se bebiam não brigava e nem fazia besteira nenhuma. E outra coisa o pessoal que vinha de fora passava uns pros outros[...] pode ir que você vai ser bem recebido lá, você está bem guardado”. (Santos, 2022)

Podemos notar na fala de Alaelson do Acordeon, que o São Pedro de Heliópolis era muito apreciado pelos moradores e visitantes de outras localidades, caracterizando a festa como tranquila, justamente pela ausência de conflitos e problemas, como brigas ou comportamentos inadequados. O que já não se pode dizer da festa dos dias atuais, mas cabe mencionar que de acordo com Jadir Moraes Pessoa, “a festa popular é o grande e fecundo momentos a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita interação entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias”. (Pessoa, 2005, p.30).

É vital que essas tradições evoluam e se adaptem para incorporar elementos novos e contemporâneos. O novo traz inovação, novas perspectivas e oportunidades para crescimento. Alaelson, destaca que o "povo de fora", ou seja, os visitantes de outras cidades, ficavam admirado com a tradição do São Pedro de Heliópolis. Isso reforça a ideia de que o evento era e ainda hoje é bem-conceituado e apreciado pelos participantes e espectadores. O motivo para essa admiração é a forma como a festa era conduzida: os participantes dançavam agarrados,

bebiam sem que isso levasse a brigas ou problemas, tornando a experiência agradável e segura, como podemos notar na fotografia abaixo.

Figura 11 - Foto da antiga praça de eventos, no sábado do São Pedro de Heliópolis de 2010.



Fonte: Blog Contraprosa.

Na fotografia, vemos que há milhares de pessoas na antiga praça de eventos, em um sábado de Festa de São Pedro, dia em que a cidade recebe mais visitantes, pois a praça fica lotada de pessoas, tanto do município, como das cidades circunvizinhas e de outros Estados. De acordo com, Canclini, “As atividades de cada festa e a forma como são realizadas, são conhecidas por todo o povo como parte do seu repertório de crenças e da sua tradição.” (p. 116). Da mesma forma que mudanças acontecem e são inevitáveis no que diz respeito à inclusão de características novas, estas podem vir também de maneira a resgatar traços do que já foi vivido.

É interessante notar na fala de Alaelson do Acordeom, que os habitantes locais recomendavam aos visitantes que eles seriam bem recebidos e protegidos durante o evento. Essa característica pode indicar que a comunidade local valorizava a hospitalidade e o cuidado com aqueles que vinham de fora para participar da celebração, o que certamente contribuía para a reputação positiva do evento. E também contribuindo para que os visitantes voltassem nas próximas edições da festa.

Nesse contexto, a tradição do São Pedro de Heliópolis parece ter se tornado um símbolo da harmonia e convivência pacífica entre os participantes, refletindo positivamente sobre a

comunidade local. Tradições como essa são importantes para preservar as culturas regionais, proporcionar momentos de alegria e integração social e fortalecer os laços entre as pessoas.

As maneiras como se realiza a festa de São Pedro nos dias atuais foram alteradas de sua origem, mas ainda assim, continuou a agradar ao público e a conquistar novos admiradores, sendo legitimada tanto pela conjuntura política quanto pelos munícipes como tradição, pois é algo que repete ano após ano.

As mudanças no realizar da festa são notadas anualmente, ornamentação, fachada, barracas, parques, contratação de bandas, estruturas de palco, entre outras. Como podemos observar nestas fotografias a baixo, que retrata o palco montado no ano de 1988, podemos notar que são muitas as diferenças das estruturas de palco montadas hoje em dia.

Figura 12 - Palco com estrutura de madeira no ano de 1988.



Fonte: Acervo pessoal de José Emídio Tavares de Almeida.

Como podemos observar no contexto do ano de 1988, a estrutura de palco montada para a realização da festa de São Pedro de Heliópolis tinha características distintas em comparação com as tecnologias e materiais utilizados, tanto no palco, como nos shows hoje em dia. Naquela época, a construção de palcos frequentemente envolvia o uso de materiais tradicionais, como madeira, que era uma opção comum para criar a base do palco. Esse material proporcionava uma plataforma resistente para a realização de performances e atividades culturais durante a festa.

Outra abordagem utilizada era a montagem de palcos em cima de reboques de tratores ou caminhões. É importante notar que as estruturas de palco daquela época possuíam algumas limitações em comparação com as tecnologias modernas. A montagem e desmontagem podiam ser trabalhosas, e a manutenção da estrutura de madeira exigia cuidados constantes para garantir a segurança e durabilidade. Além disso, as opções de iluminação e som eram mais limitadas, o que poderia afetar a qualidade das apresentações e a experiência geral do público.

Com o decorrer dos anos, as estruturas de palco evoluíram consideravelmente. Materiais mais modernos, como alumínio e aço, são amplamente usados na construção de palcos, tornando-os mais leves, duráveis e fáceis de montar. Além disso, as opções de iluminação, som e tecnologia audiovisual se expandiram significativamente, proporcionando experiências mais imersivas para os participantes das festas. Como podemos notar na imagem abaixo.

Figura 13 – Estrutura de palco da festa de São Pedro do ano de 1989.



Fonte: Acervo pessoal de José Emídio Tavares de Almeida.

Na imagem podemos notar que a estrutura é montada de madeira, coberta por lona, não há uma preocupação em relação a estética do palco. As antigas estruturas de shows em cidades do interior, como as da festa de São Pedro em Heliópolis na Bahia, ofereciam uma experiência única e autêntica aos moradores locais. Geralmente montadas sobre reboques de tratores ou caminhonetes, essas estruturas improvisadas refletiam a simplicidade e a criatividade das comunidades rurais. Feitas principalmente de madeira, utilizando materiais como caibro, ripão

e ripa, essas construções eram verdadeiras obras artesanais que destacavam a habilidade manual e o engenho dos habitantes locais. Cobertas por lonas para proteger os artistas das intempéries.

Esses palcos itinerantes, muitas vezes improvisados, não apenas forneciam entretenimento, mas também desempenhavam um papel vital na preservação e promoção das tradições locais. Eles eram espaços onde a música, a dança e outras expressões artísticas podiam florescer, conectando gerações e preservando a identidade cultural das comunidades do interior. Essas estruturas modestas, erguidas com recursos limitados, eram verdadeiros símbolos da resiliência e da riqueza cultural encontradas em pequenas cidades, contribuindo para a construção de memórias afetivas e fortalecendo o senso de pertencimento entre os habitantes.

Ao longo do tempo, as estruturas de palcos em cidades do interior passaram por significativas transformações, refletindo a evolução tecnológica e as mudanças nas demandas culturais. As antigas montagens improvisadas em reboques de tratores deram lugar a estruturas mais sofisticadas e profissionais, alinhadas com os padrões contemporâneos de produção de eventos. A substituição da madeira por materiais mais duráveis e versáteis, como o aço e o alumínio, proporcionou maior estabilidade e segurança aos palcos.

Além disso, a incorporação de tecnologias avançadas de iluminação, som e projeção visual elevou a qualidade das apresentações e expandiu as possibilidades artísticas. Na imagem abaixo, já podemos notar uma leve mudança na estrutura, palco maior, construído de ferro, o som agora fica acima do palco ganhando maior amplitude, etc.

Figura 14 - Estrutura de palco da festa de São Pedro do ano de 1991.



Fonte: Acervo pessoal de José Emídio Tavares de Almeida.

Na fotografia acima, tirada em uma das edições dos concursos de zabumbeiro e sanfoneiro, que era realizado no período da tarde do São Pedro de Heliópolis. Nestes concursos, o zabumbeiro e o sanfoneiro não são apenas músicos, eles são guardiões de uma herança musical que atravessa gerações, unindo as pessoas através de acordes e batidas que celebram a vida, a luta e a alegria do povo nordestino.

No entanto, quando há alternância de grupos políticos, podemos notar mudanças em todas as esferas que estão envolvidas na realização do evento. Tais como, empresa que realiza a instalação de palco e som, equipe que realiza a ornamentação da cidade, locutor, até mesmo os nomes dos comércios locais deixam de serem divulgados em razão do jogo político.

Com a troca de gestor, houve uma perceptível mudança, começando com a data de realização da festa, que passou a acontecer no início de julho, não mais em 29 de junho. Com isso chegou a se pensar que a tradicional festa de São Pedro havia perdido seu brilho, haja vista que o novo prefeito, deixou de pensar a festa como representação cultural, focando os benefícios econômicos que esta trazia para a cidade, passando assim a não mais fazer as tradicionais brincadeiras que lhes eram peculiares e a introduzir o forró eletrônico, pois nessa época, estavam surgindo muitas bandas, e devido à concorrência que havia entre as mesmas, e principalmente pelo fato de ocorrer no período não junino (fora de época), o que tornava o preço das contratações dos artistas, algo mais acessível para o administrador municipal local.

[...] a atividade turística faz com que as populações locais reinventem seu cotidiano e, nesta reinvenção, a lógica da atividade turística se sobrepõe às tradições locais e à própria identidade dos lugares, impactados por novos valores, novos símbolos, novas referências e expectativas (Fonteles, 1999. p.76).

Sobre isso, o Sr. Aroaldo Barbosa (2022), prefeito que sucedeu o Sr. Zé do Sertão em 1997, comenta: “As festas de Heliópolis elas continuam é cada dia mais sendo boas [...] às vezes tá havendo mudanças dentro dos dias mesmo do São Pedro, mas em seguida está havendo as festas por motivos de que as bandas e o som e por que é encontrado pelo preço menor”.

Na fala do professor Landisvalth Lima, podemos notar que tanto pode haver uma resistência dos comerciantes adversários da gestão em patrocinar o evento, como também o grupo político da situação, não quer o nome de lojas e comerciantes da oposição presentes nos banners da festa de São Pedro.

“A festa já tem condições de se manter com os patrocínios, e não estamos falando do Bar do Fabinho, Farmácias São Lázaro e Frigorífico Preço Bom. Se depender destas empresas o São Pedro Já morreu. Elas não possuem capacidade financeira para tal. Estão lá como apoio por outras questões. As

cervejarias, as telefônicas, as grandes lojas virtuais, etc, podem ser um caminho.” (Landisvalth, 2022)

Assim, podemos notar a importância dos patrocínios para a sustentabilidade da festa de São Pedro e identifica uma distinção entre os tipos de empresas envolvidas. Enquanto algumas marcas locais, como o Bar do Fabinho, Farmácias São Lázaro e Frigorífico Preço Bom, podem contribuir como apoio, o autor sugere que não possuem a capacidade financeira para serem os principais mantenedores da festa. Em contraste, as cervejarias, empresas de telecomunicações, grandes lojas virtuais e outras grandes empresas são apresentadas como alternativas viáveis para desempenhar um papel mais significativo no financiamento da festa. Esse ponto de vista ressalta a importância de buscar parcerias estratégicas com empresas que tenham os recursos necessários para garantir a continuidade e o sucesso do evento.

4.2 O raiar do Sol: na tradicional festa de São Pedro

A festa de São Pedro, que desde 1987 vem sendo realizada anualmente está enraizada no imaginário social do povo heliopoliense, traduz-se em uma tradição, na qual seus participantes em um estado de efervescência costumam virar a noite festejando ao som dos mais variados ritmos musicais que fazem parte desta festa.

Os participantes costumam virar a noite não apenas nos dias de festas, mas sim dias antes quando começam os preparativos para a ornamentação da cidade para receber os visitantes. Cabe aqui fazer um adendo quanto a essa questão, que nos anos iniciais não se gastava tanto com a ornamentação como nos anos subsequentes aos 2000, isso se deve a quase que completa substituição de materiais produzidos no município para utilização de produtos industriais.

A adoção de objetos decorativos industrializado ao invés daqueles produzidos no próprio município, pode levar a uma diluição das tradições locais e a uma perda da autenticidade cultural. A cultura, nesse contexto, não é apenas sobre objetos físicos, mas também sobre significados e símbolos que são transmitidos através de gerações.

A decoração com estes elementos não indica apenas a penetração das empresas multinacionais e da sua cultura de plástico: a substituição parcial, no espaço da festa, de elementos naturais e de cerâmicas confeccionadas na região por elementos de origem externa, industrial (símbolo ao mesmo tempo daquilo que substitui a água) representa o lugar que a população lhes atribui no seu sistema imaginário, ou seja, o papel que concede a estes objetos importados, semelhante ao das verduras e frutas, na satisfação material das suas necessidades, e a invocação que fazem dos seus poderes enquanto

elementos "mediadores" na resolução simbólica das suas carências. (Canclini, 1983. p. 120)

A substituição de elementos naturais e locais por produtos industrializados não é apenas uma troca de objetos, mas também uma transformação simbólica que reflete a interseção entre cultura, economia e identidade. Esse fenômeno levanta questões importantes sobre como as comunidades locais negociam sua identidade cultural em um mundo cada vez mais globalizado e comercialmente orientado.

Nas edições realizadas nos anos dois mil, é comum a presença de fachadas pré-moldadas em madeira, na qual eram feitos desenhos que representassem os elementos, essa substituição, passa a representar não apenas a materialidade dos objetos, mas também os valores e ideias associados a eles. Como podemos perceber na imagem abaixo.

Figura 15 - Entrada da festa de São Pedro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa utilização de elementos prontos na festa em contraposição a elementos que são produzidos pelos próprios moradores acaba se tornando pauta de debate entre os gestores da festa e os moradores locais, pois a inserção de elementos próprios da região contribui para engajar todos da comunidade principalmente os jovens, no processo de ornamentação da festa, já que estes sendo convencidos de que a cultura tradicional poderia ser retomada seria bem mais fácil adequar essa tradição ao contexto que a sociedade estava situada.

Os jovens participavam de várias formas, como na organização dos eventos, na elaboração de projetos voltados para a valorização da cultura regional mostrando os objetos do cotidiano do homem do campo, objetos estes desconhecidos pelos mais jovens, ou que pelo advento de uma tecnologia mais avançada eram pouco utilizados como arados, carroças, carros de boi, mas que permanecia presente na memória de muitos heliopolienses principalmente os adultos e idosos. Estes se emocionavam com as réplicas de casas de farinha idênticas, casas de pau a pique, utensílios de uso doméstico como potes, ferro de passar roupas, máquinas de costura, lampiões a gás entre outros.

As brincadeiras típicas foram aos poucos sendo reintroduzidas, no início com o estímulo das premiações que eram oferecidas aos ganhadores, dentre elas as quadrilhas que eram formadas por cada povoado disputando entre si juntamente com a da sede, a primeira colocação que era recompensada com premiações em dinheiro e excursões com finalidades culturais, sendo alvo de muito almejo, fomentando assim o desejo de vencer.

Com o retorno das apresentações de quadrilhas, mesmo que em sua maioria estimulados pelo prazer da disputa, foi possível perceber que a dança cria um ambiente de socialização, unindo a juventude em prol do resgate às tradições.

Assim os jovens gostavam e até participavam ativamente deste tipo de festejo, mas desde que estes não afetassem o grande evento do São Pedro propriamente dito, mas como os gastos financeiros eram grandes a festa não correspondia a expectativa dos jovens que queriam bandas de forró da atualidade.

Essa tentativa de inserir elementos da cultura regional conseguiu agradar muita gente, geralmente pessoas mais velhas, que acompanharam todo o processo da festa, desde sua criação, das mudanças ocorridas à tentativa de retomar as antigas características, que ficaram perdidas no tempo, não havendo mais lugar para elas no novo modelo da festa.

Porém o público jovem não recebeu essas transformações de forma positiva, não comungando com o ideário do então gestor, repelindo as tais ideias, pois interessante para eles seria continuar a atender seus anseios inseridos no contexto atual, como afirma na entrevista o até então prefeito o Sr. Zé do Sertão:

“[...] mas aí que foi que eu peguei pela frente nisso, depois que entrou outros administradores deixaram as raízes e trouxeram pras músicas eletrônicas, eu ao tive condição nenhuma de bater de frente com a juventude, então tentei fazer um misto, trazer a festa cultural e a eletrônica, porque o estudante, o jovem ia bater de frente comigo, eu fiz isso fui obrigado a fazer uma coisa, misturar, mas o meu objetivo são festas culturais, são as raízes, mas deixou uma condição, o município de fugir de nossas origens, da pretensão de quem criou a festa que fui eu [...]” (Almeida, 2022).

Na visão do professor Landisvalth Lima, “As bandas estão abandonando definitivamente o forró para cair nas graças do sertanejo e das baladas supostamente românticas. O bom é que há uísque.”

Cabe expor que a tentativa de re-tradicionalização aqui entendida refere-se à ideia de reinserir os mesmos propósitos objetivados logo que o festejo junino mais popularmente conhecido como festa de São Pedro, foi criado.

Em 2005, houve uma tentativa de resgatar os elementos culturais por parte do idealizador da festa que voltava a ocupar o cargo de gestor municipal. O mesmo tentou introduzir novamente uma prática voltada para as tradições rurais, porém com um olhar diferenciado, pois houve um cuidado do mesmo em não ir de encontro com os jovens que estavam acostumados com uma festa que contava apenas com a ornamentação das ruas e com atrações que estavam no auge da moda, e nem sempre condizente com o estilo proposto no início da criação da festa. Assim o então prefeito, passou a introduzir as manifestações culturais de uma outra forma, realizando pequenas festas nos finais de semana que antecediam o São Pedro, e contavam com apresentação de quadrilhas, bumba meu boi, reisado e artistas que cantavam a música de raiz, para mostrar à população a importância de um olhar voltado para a cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa dedicou-se a compreender como uma festa pensada e/ou idealizada pelo poder público foi incorporada pela comunidade local e passou a ser uma das principais representações da identidade cultural do povo heliopolense. Para tanto, foi realizado um estudo minucioso para entender por que pouco tempo depois de Heliópolis ter conquistado a sua emancipação, o então gestor municipal cria o São Pedro.

A pesquisa revela não apenas a trajetória singular de um evento cultural, mas também oferece uma compreensão profunda sobre a dinâmica da identidade local e as transformações sociais. Ao estudar a formação da municipalidade e a construção da identidade cultural por meio da festa de São Pedro, torna-se evidente que está, não é apenas um evento festivo, mas um fenômeno cultural profundamente enraizado nas raízes da comunidade heliopolense.

Quando a festa passou a ser realizada ano após ano, ela se mostrou como um instrumento de ressignificação da cultura e da identidade local. A análise cuidadosa das origens da festa, desde sua criação pelo poder público até sua transformação em uma tradição local, revela não apenas os aspectos políticos e econômicos envolvidos, mas também a capacidade da comunidade em adotar, ressignificar e incorporar essa celebração em sua identidade coletiva. Ao longo do tempo, a festa de São Pedro tornou-se não apenas um espetáculo festivo, mas um fenômeno no qual as relações sociais e as memórias compartilhadas se expressam em torno da cultura nordestina.

Apesar de a festa receber o nome de um santo católico (São Pedro), a relação que a mesma estabelece com o sagrado fica apenas no campo simbólico, e essa interação entre o sagrado e o profano na festa destaca não apenas a riqueza cultural do evento, mas também a capacidade da comunidade em enaltecer aspectos religiosos, com a prevalência do profano. A festa não é apenas um evento isolado, mas um processo dinâmico que reflete e molda a identidade dos habitantes de Heliópolis, conectando gerações e criando um senso de pertencimento que transcende as barreiras temporais.

Além disso, a pesquisa revela a influência do poder público e da iniciativa privada na evolução da festa, destacando como essas forças moldaram e, por vezes, mercantilizaram esse evento cultural. O estudo da festa de São Pedro não apenas resgata a memória da comunidade, mas também destaca questões contemporâneas, como o papel do turismo local, a economia informal e a interação complexa entre tradição e modernidade.

Nesse contexto, as inovações na festa recebem amplo apoio, mas críticas não são escassas. Residentes antigos expressam ressentimento diante das mudanças que ocorrem no

realizar da festa, pois essa se transformou em um empreendimento lucrativo, uma realidade que gera tanto aplausos quanto protestos. Incorporando elementos inovadores, ela recupera o espaço público por meio da atividade criativa e experimental.

Em Heliópolis, a festa de São Pedro torna-se um testemunho vibrante dessa fusão entre tradição e modernidade, proporcionando aos participantes uma experiência festiva enriquecedora que reflete a diversidade cultural e a evolução constante das práticas festivas.

Nesse contexto festivo, as ruas de Heliópolis ganham vida durante a celebração de São Pedro, transformando-se em palco para a convergência de elementos culturais tradicionais e contemporâneos. A espiritualidade da festa junina é preservada, mas agora se entrelaça com expressões artísticas modernas, alimentando a atmosfera festiva com uma energia única. Os avanços da pós-modernidade são evidenciados não apenas na estética visual, mas também nas interações sociais e na fusão de ritmos musicais. Assim, a festa de São Pedro em Heliópolis é mais do que uma simples celebração; é um reflexo dinâmico da capacidade humana de adaptar-se e reinventar tradições, mantendo viva a essência festiva em meio às mudanças culturais e sociais.

Em última análise, a festa de São Pedro em Heliópolis/BA representa não apenas um evento cultural, mas um fenômeno multifacetado que encapsula a complexidade da identidade local, as dinâmicas sociais e a interseção entre tradição e inovação. Ao compreender profundamente essa festividade, somos levados a um mergulho nas raízes culturais dessa comunidade, iluminando não apenas o passado, mas também lançando luz sobre o futuro, onde as tradições antigas continuam a florescer em um mundo em constante transformação.

6. REFERÊNCIAS

ALBERT, Verena. **Fontes orais: Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2. ed. 1ª reimpressão – São Paulo. Contexto, 2008.

ALVES, Luiz Roberto. **Culturas do trabalho: comunicação para a cidadania**. São Bernardo: Alpharrabio, 1999.

ALVES, M. C. S. O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: **Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal**. Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2016. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

AMARAL, R. C. M. P. **Festa à brasileira significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese de doutorado apresentada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>> Acessado em: 20 de outubro de 2021.

AZEVEDO, Denio Santos. [et al.]. **Identidade regional e memória coletiva em Sergipe**. Ponta de Lança, São Cristóvão, v. 5, n. 10 abr. – out. 2012.

AZEVEDO, Denio Santos. **História do pensamento e da cultura regional**, Aracaju: UNIT, 2008.

BARRETO, José Ricardo / PEREIRA, Margarida Maria. **Festejos juninos: uma tradição nordestina** – Recife: Nova Presença, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand/Difel, 1989.

CAMILO, Kíssila Aparecida Pereira Joaquim. **O sagrado e o profano na tradição católica da Festa do Santíssimo Salvador em Campos dos Goytacazes/RJ**. Revista *Unitas*, v. 5, n. 2, 2017.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. Ed. Brasiliense, 1983.

_____. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. **“Manifestações Culturais”** In: GADINI, Sérgio Luiz,

CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CASTRO, JRB. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, 342p. ISBN 978-85-232-1172-1.

CASTROGIOVANNI, A **Geografia do espaço turístico, como contrução complexa da comunicação**. Tese, Porto Alegre, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

CHIANCA, Luciana. **Devoção e diversão**: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, vol. 18(2), 2007.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Religião e religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999. — (Coleção tópicos)

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. Ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013. (Cap. 1)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeus da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio De Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSBAWM, E. **Introdução**: a invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. Rio Claro: Editora UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: editora da UNICAMP, 1990. (Cap. 8 – memória).

LEONEL, Guilherme Guimarães. **Festa e sociabilidade**: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v.11, n. 15, 2º sem. 2010.

LERNER, Jaime. Prólogo à edição brasileira. In: GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3. ed. São

NASCIMENTO, Carlos Valder do; PIETRO, Maria Sylvia Zanella di. [et al.]. **Tratado de Direito Municipal**. – Belo Horizonte: Fórum, 2018.

NASCIMENTO, Cleiton Luan Santos. **O processo de aqudagem e a construção da Lavanderia Pública Municipal de Heliópolis – BA**. 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e a história**: a problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo: (10). Dez, 1993. Paulo: Perspectiva, 2015. p. 12 – 13.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Ed. da UCG; Kelps, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSA, Maria Cristina. **As festas e o lazer**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) *Lazer e cultura*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007

THOMPSON, E. P. Introdução. In: **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TONETO, Livia Cristina. **A representação das Festas de São João pela arte naïf no olhar de Prazeres**, Djanira e Silva / Livia Cristina Toneto; orientador Edson Roberto Leite. -- São Paulo, 2019.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura**. Ed. Vozes Ltda.: Petrópolis, 1974.

WOLTOWICZ, Karina Janz(Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 64-66.

FONTES

ALMEIDA, José Emídio Tavares de. **Entrevista**. Heliópolis/BA, 14 de maio de 2021.

BARBOSA, Aroaldo. **Entrevista**. Heliópolis/BA, 20 de agosto de 2022.

LIMA, Landisvalth dos Santos. **Entrevista**. 15 de maio de 2021.

LIMA, Landisvalth dos Santos. **A história do São Pedro de Heliópolis/BA**. Contraprosa: um portal controverso. 15 de setembro de 2018. <https://landisvalth.blogspot.com> Acessado em: 21 de maio de 2021.

SANTOS, Alaelson Correia. **Entrevista**. Heliópolis/BA, 06 de junho de 2022.

SANTOS, Livia Rosane. **Entrevista**. Cícero Dantas, 12 de agosto de 2022.